

Título do original russo

A.P. TCHEKHOV POLNOIE SOBRANIE SOTCHINENII
Gosudarstvennoiê Isdatelstvo Khodogestvvennoi
Literaturi Moska 1946-1951

Tradução e notas
Gabor Aranyi

Preparação
Ronaldo Antonelli (*A gaivota e O tio Vania*)
e
Maria Cristina Guimarães (*As três irmãs e O Jardim das cerejeiras*)

Todos os direitos desta tradução reservados a
G. ARANYI LIVROS ME
EDITORA VEREDAS
Al. Dos Bicudos, 7 – Alpes da Cantareira
07600-000 – Mairiporã-SP – Brasil – Fone: 485-1764 (011)

1994

O TIO VANIA

Cenas da vida rural, em quatro atos.

1897

PERSONAGENS

SEREBRIAKOV, ALEKSANDER VLADMIROVITCH, *professor aposentado*

I ELENA ANDRÉIEVNA, *sua esposa, 27 anos*

SOFIA ALEKSANDROVA (SONIA), *filha de Serebriakov, do primeiro casamento*

VOINITSKÁIA, MARIA VASILIEVNA, *viúva de um conselheiro de Estado, mãe da primeira mulher do professor*

VOINITSKII, IVAN PETROVITCH, *seu filho*

ASTROV, MIKHAIL LVOVITCH, *medico*

TELEGUIN, ILIA ILITCH, *fazendeiro arruinado*

MARINA, *uma velha babá*

Um criado

A ação se passa no solar da propriedade de Serebriakov. 1896.

PRIMEIRO ATO

Um jardim. Vê-se uma parte da casa com o terraço. Na alameda, debaixo de velhos álamos, uma mesa esta posta para o chá. Bancos, cadeiras, sobre um dos bancos um violão. Não longe da mesa, um balanço. São aproximadamente três da tarde. Tempo encoberto.

Marina (uma velha simples e gasta, de movimentos lentos, está sentada junto ao samovar e tricota meia) e Astrov (perto dela anda de um lado para o outro)

MARINA *(servindo uma xícara de chá)* Beba, querido irmãozinho.

ASTROV *(aceita a contragosto)* Não estou com muita vontade.

MARINA Então, talvez um pouco de vodca?

ASTROV Também não. Não bebo vodca todos os dias. Além do mais, o ar está sufocante. *(pausa)* Babá, há quanto tempo que nos conhecemos?

MARINA *(pensando)* Quanto? Oh, meu Deus... Deixe-me pensar um pouquinho. Quando você chegou aqui, a estas paragens... quando foi mesmo?... Vera Petrovna, mãe de Sonietchka ainda estava viva. Você nos visitou por dois invernos, antes dela morrer. Sendo assim, há onze anos. *(depois de refletir.)* Mas pode até ser mais...

ASTROV Mudei muito de lá pra cá?

MARINA Bastante. Você então era jovem, bonito, e agora envelheceu. Nem sua beleza não é mais a mesma. E, verdade seja dita - você bebe.

ASTROV Sim... Nestes dez anos virei outra pessoa. E sabe por quê? De tanto trabalhar, babá. Desde cedo até tarde da noite estou de pé, não conheço descanso e passo a noite debaixo do cobertor com medo de que me arranquem de lá para visitar um doente. Desde que nos conhecemos não tive um único dia de folga. Como é que eu não haveria de envelhecer? E, depois, a vida é mesmo enfadonha. idiota e suja. Ela nos engole vivos. Estamos cercados por um monte de excêntricos, um monte de gente estranha; convivendo com eles por alguns anos, a gente devagarinho, sem se dar pela coisa, também vira uma pessoa estranha. Esse destino – é inevitável. (*Torce o bigode longo.*) Veja só, que bigode enorme! Bigode idiota! Tornei-me um excêntrico, babá... Mas ainda não sou um tonto, Deus é bom, ainda tenho a cabeça no lugar, embora os sentidos estejam embotados. Eu nada quero, de nada necessito, não amo ninguém... Talvez só queira bem a você. (*Beija a cabeça da babá.*) Na infância tive uma babá como você.

MARINA Não quer comer alguma coisa?

ASTROV Não. Na terceira semana da quaresma viajei a Malitskoié, por causa da epidemia...Tifo exantemático... As casas entulhadas de gente... Sujeira, fedentina, fumaça, os bezerros nos quartos, junto com os doentes... Os leitões também... Passei lá o dia todo, não deu tempo nem de sentar, não pus nada na boca, nem mesmo em casa me deram descanso: trouxeram um manobrista da estrada de ferro; deitei-o sobre a mesa para operar, e não é que ele resolve morrer lá mesmo por causa do clorofórmio? E agora, quando menos estava precisando, às vezes me desperta um remorso, a consciência me pesa, como se eu o tivesse matado de propósito... Vou, sento, fecho os olhos – assim – e fico pensando se os que virão depois de nós, daqui a cem ou duzentos anos, e para quem nos estamos agora abrindo o caminho, irão se lembrar de nos com uma única palavra de gratidão. Não babá, não vão lembrar!

MARINA Os homens não, mas Deus vai lembrar.

ASTROV Obrigado. Agora você falou bem.

Entra Voinitskii

VOINITSKII (*sai da casa, tirou um bom cochilo depois do café da manhã e agora aparenta descuido. Senta-se no banco e ajeita a gravata elegante*) Pois é...

ASTROV Você dormiu bastante?

VOINITSKII Sim... Demais até. (*Boceja.*) Desde que o professor chegou aqui com a esposa, a vida saiu dos eixos... Não durmo mais na hora certa, e sim, depois do café da manhã; engulo todo tipo de pickles no almoço, bebo vinho... Isso não faz bem a saúde! Antes nunca tinha um minuto de folga, o que Sonia e eu trabalhávamos era de tirar o chapéu! E agora apenas Sonia trabalha e eu só durmo, como e bebo... Isso não esta certo!

MARINA (*abanando a cabeça*) Que bela ordem! O professor levanta ao meio-dia, e o samovar esta fervendo desde cedo, todos à sua espera. Antes da vinda deles almoçávamos sempre lá pela uma, como as pessoas de bem, mas desde que vieram passamos a almoçar às seis da tarde. O professor passa a noite toda lendo e escrevendo, então, lá pelas duas, de repente soa a campainha... O que deseja, querido? Chá? E lá vou eu acordar os criados, aquecer o samovar, tudo por causa dele... Que bela ordem!

ASTROV Eles pensam em ficar ainda muito tempo?

VOINITSKII (*assovia*) Por uns cem anos. O professor decidiu se estabelecer aqui.

Banco de Textos



MARINA Vejam agora: o samovar esta na mesa há duas horas, e eles foram dar um passeio.

VOINITSKII Estão chegando, estão chegando...Calma.

Ouvem-se vozes. De volta do passeio, aparecem, vindos do interior do jardim, Serebriakov, Ielena Andréievna, Sonia e Teleguin

SEREBRIAKOV É uma beleza... Que vista maravilhosa!

TELEGUIN Magnífica excelência.

SONIA Amanha iremos até a casa da floresta, papai. Você quer?

VOINITSKII Ao chá senhoras e senhores!

SEREBRIAKOV Caros amigos, façam o favor de mandar levar meu chá ao escritório! Ainda tenho muito o que fazer hoje.

SONIA Você vai gostar da casa da floresta, com certeza...

Ielena Andréievena, Serebriakov, e Sonia entram na casa. Teleguin dirige-se à mesa e senta-se ao lado de Marina.

VOINITSKII Faz calor, o ar esta sufocante, e no entanto nosso grande sábio está de casaco, galochas e luvas e carrega um guarda-chuva...

ASTROV Decerto está se protegendo.

VOINITSKII Que beleza de mulher! Que beleza! Nunca na vida vi outra mais bonita.

TELEGUIN Quer eu ande no campo, Maria Timofeievna, quer passeie pelo jardim sombreado, quer olhe para essa mesa, invade-me uma felicidade inexprimível! O tempo está

encantadoramente belo, os pássaros cantam e a paz e a concórdia reinam entre nós. Que mais se pode desejar? (*Recebe a xícara de chá.*) Agradeço penhoradamente!

VOINITSKII (*em devaneio*) Que olhos... Que mulher maravilhosa!

ASTROV Diga alguma coisa, Ivan Petrovitch.

VOINITSKII (*lânguido*) O que quer que eu diga?

ASTROV Fale das novidades.

VOINITSKII Não há nada de novo. Tudo na mesma. Eu também sou o mesmo de sempre, talvez pior, porém virei um preguiçoso, não faço mais nada, fico só resmungando tal e qual um urso velho. E maman, minha velha gralha, continua cacarejando sobre a emancipação feminina. Com um olho já está espiando a cova, com o outro vai em busca da aurora da vida em seus livros sábios.

ASTROV E o professor?

VOINITSKII O professor passa o dia todo, desde cedo até tarde da noite, sentado no quarto escrevendo, como sempre. "com o espírito tenso e a testa franzida escrevemos incessantemente as odes, mas não ouvimos em parte alguma louvores dirigidos a nós ou aos outros." Pobre papel! Melhor seria se escrevesse sua autobiografia! Seria um tema magnífico! Um professor aposentado, sabe, uma velha pêra ressequida, um bagre metido a sábio... cheio de gota, reumatismo e enxaqueca, o fígado inchado pelo ciúme e a inveja... Esse bagre vive na propriedade da primeira mulher só por não ter no bolso dinheiro suficiente para viver na cidade, e se lastima o tempo todo por sua desgraça, embora na verdade tenha uma sorte rara. (*Nervoso*) Pois veja só a sorte dele! Filho de um simples sacristão, o seminarista, movido pela ambição,

foi subindo pelos degraus da ciência, conseguiu, como, eu não sei, uma cátedra, tornou-se sua excelência e genro de um senador etc, etc. De resto, isso nem tem importância. Mas ouça! Esse homem há exatos vinte e cinco anos vem proferindo palestras e escrevendo sobre arte sem entender nada, absolutamente nada, de arte... há vinte e cinco anos mastiga idéias *alheias* sobre realismo, naturalismo, naturalismo e outras baboseiras; há vinte e cinco anos vem proferindo e escrevendo o que as pessoas inteligentes já sabem há muito e às burras não interessa. Portanto, há vinte e cinco anos se ocupa de uma atividade perfeitamente dispensável. E mesmo assim, quanta vaidade! Que exigência!... Aposentou-se – e nenhuma alma viva sequer o conhece; conseqüentemente, durante vinte e cinco anos usurpou o lugar de outrem. Mas olhe para ele: caminha como se fosse um semideus!

ASTROV Parece que você tem inveja dele.

VOINITSKII Sim! Eu o invejo! E o sucesso, então, que tem com as mulheres! Nem Don Juan conheceu sucesso tão completo. Minha irmã, sua primeira esposa – criatura belíssima e meiga, pura como o céu azul, generosa e nobre, que tinha mais admiradores que o professor, alunos –, amava-o como só um anjo puro pode amar alguém que seja tão puro e maravilhoso como ele próprio, Minha mãe, a sogra, o adora até hoje, e ele ainda provoca nela um terror sagrado. A segunda esposa, mulher belíssima e inteligente - vocês a viram agora mesmo -, casou-se com ele quando o professor já era um velho; entregou-lhe a juventude, a beleza, a liberdade e o seu esplendor. Porquê? Mas por quê?!

ASTROV Ela é fiel ao professor?

VOINITSKII Infelizmente, sim.

ASTROV Por que infelizmente?

VOINITSKII Porque essa fidelidade é falsa do começo ao fim. Existe nela muita retórica, mas nenhuma lógica. Trair o velho marido, a quem detesta, é imoral; mas sufocar dentro de si sua pobre juventude e vontade de viver, isso não é imoral.

TELEGUIN (*em voz chorosa*) Não gosto, Vânia, quando você fala assim. Pois, mesmo que seja verdade... Quem trai a esposa ou o marido não merece confiança, é capaz de trair a própria pátria também!

VOINITSKII (*aborrecido*) Cale a boca, Bexiga!

TELEGUIN Vânia, me perdoe. Minha esposa fugiu logo depois do casamento com o homem que amava, pois não tenho uma aparência que seja lá grande coisa. Porém nunca deixei de cumprir com meu juramento sagrado. Eu a amo até hoje e lhe sou fiel, ajudo-a no que puder, entreguei-lhe minha fortuna para a educação dos filhos que teve com o amante. É verdade, perdi a felicidade, mas mantive o orgulho. E ela? Sua juventude já é coisa do passado, a beleza, sujeita as leis da natureza, murchoou, o homem a quem amava morreu. Então, o que restou pra ela?

Entram Sônia e Ielena Andréievna, seguidas por Maria Vasiliévna, com um livro na mão. Ela se senta e lê; servem-lhe chá, que bebe sem levantar os olhos do livro.

SONIA (*apressadamente, à babá*) Tem uns camponeses aqui, babá. Veja o que querem, eu cuido do chá...(*Serve o chá. A babá sai. Ielena Andréievna apanha a xícara e toma o chá sentada no balanço.*)

ASTROV (*a Ielena Andréievna*) Vim ver seu marido. Escreveram-me dizendo que ele estava muito doente, que tinha um reumatismo e não sei mais o quê, e agora descubro que está vendendo saúde.

IELENA ANDRÉIEVNA Passou mal à noite, queixava-se de dores na perna, mas hoje amanheceu melhor.

ASTROV E eu fiz trinta verstas a todo galope. Não há problema, não é a primeira vez que isso acontece. Mas, sendo assim, vou ficar aqui até amanhã, assim pelo menos ponho o sono em dia - *quantum satis***

SONIA Magnífico! É tão raro o senhor pernoitar aqui. Com certeza ainda nem almoçou

ASTROV Não, não almocei.

SONIA Então vai nos fazer companhia para o almoço. Atualmente não nos sentamos à mesa antes das seis da tarde. (*Bebe*) Este chá está frio!

TELEGUIN A temperatura do samovar caiu consideravelmente.

IELENA ANDRÉIEVNA Não faz mal, Ivan Ivanitch, tomamos frio mesmo.

TELEGUIN Perdão... Não Ivan Ivanitch, e sim Iliá Ilitch, por gentileza... Iliá Ilitch Teleguin ou, como alguns me chamam por causa das marcas de varíola no rosto: Bexiga. Fui eu quem batizou Sonietchka, e sua excelência, seu marido, me conhece muito bem. Agora vivo na vossa casa, aqui na fazenda... se teve a gentileza de reparar, eu almoço com os senhores todos os dias.

SONIA Iliá Ilitch é nosso braço direito, ele ajuda em tudo. (*com carinho*) Deixe que lhe sirva mais um pouco de chá, padrinho.

MARIA VASILIEVNA Ah!

* Quanto for necessário.

SONIA Que foi, vovó?

MARIA VASILIEVNA Esqueci de dizer a Aleksander... tenho uma memória tão curta... recebi hoje uma carta de Kharkov, de Pavel Aleksêievitch...mandou seu novo artigo...

ASTROV É interessante?

MARIA VASILIEVNA Sim, mas é um pouco estranho. Contesta aquilo que a sete anos ele próprio defendia. Isso é terrível!

VOINITSKII Não vejo nada de terrível nisso. Beba o chá, mamam.

MARIA VASILIEVNA Mas eu quero falar!

VOINITSKII Há cinquenta anos não fazemos outra coisa se não falar, falar e ler artigos. Já esta na hora de terminar com isso.

MARIA VASILIEVNA Por alguma razão você fica contrariado quando eu falo. Perdoe-me, Jean, mas nesse último ano você mudou tanto que mal o reconheço. Você era um homem de convicções firmes, uma personalidade luminosa...

VOINITSKII Oh, sim! Personalidade tão luminosa que não iluminava nada... (*Pausa.*) Personalidade luminosa... Piada mais malévola nunca ouvi! Estou com quarenta e sete anos. Até o ano passado me esforcei para turvar deliberadamente os meus olhos com essa sua escolástica, para não enxergar a verdadeira vida – pensava agir certo. Mas agora, se a senhora soubesse! Passo as noites em claro, de desgosto e de raiva, por ter desperdiçado o tempo de modo tão estúpido, quando podia ter tido tudo que agora a velhice me nega!

SONIA Tio Vania, é enfadonho isso!

MARIA VASILIEVNA *(ao filho)* Como se você quisesse acusar suas convicções anteriores... Mas a culpa não é delas, é sua. Você esquece que as convicções por si só não passam de letra morta... É preciso agir!

VOINITSKII Agir?! Nem todos são capazes de se converter num *perpetuum mobile* da escrita, como seu *Herr Professor*.

MARIA VASILIEVNA O que quer dizer com isso?

SONIA Vovó! Tio Vania! Suplico-lhes!

VOINITSKII Está bem, eu me calo. Eu me calo e peço desculpas. *(Pausa.)*

IELENA ANDRÉIEVNA O tempo está lindo hoje... Não faz calor...*(Pausa.)*

VOINITSKII Um tempo lindo para a gente se enforcar...

Teleguin afina o violão, Marina dá voltas em torno da casa, chamando as galinhas.

MARINA Piu-piu.

SONIA o que os camponeses queriam babá?

MARINA O mesmo de sempre. Vieram de novo falar da terra em descanso. Piu-piu...

SONIA Você está chamando qual delas?

MARINA A pintada escapuliu com os pintinhos. É perigoso, as galinhas podem dar sumiço neles... *(Sai. Teleguin toca uma polca. Todos ouvem em silêncio.)*

Entra o criado.

O CRIADO O doutor está aqui? *(A Astrov)* Por favor Mikhail Lvovitch! Estão à sua procura.

ASTROV De onde?

O CRIADO Da fábrica.

ASTROV *(em tom aborrecido)* Obrigado. Bem, então tenho de ir...*(Procura seu boné com os olhos.)* Que aborrecimento, com os diabos...

SONIA Que pena...Quando terminar na fábrica, volte para almoçar.

ASTROV Não, será muito tarde então. Onde está mesmo...Onde eu...*(Ao criado.)* Traz um copinho de vodca, meu velho... *(O criado sai.)* Onde está mesmo... Onde foi que... *(Encontra o boné.)* Numa das peças de Ostrovskii existe um homem de longos bigodes e idéias curtas... Pois bem, esse homem sou eu. Bom, foi um prazer vê-los, senhoras e senhores... *(A Ielena Andréievna.)* Ficaria muito contente se um dia a senhora me fizesse uma visita na companhia de Sofia Aleksandrovna. Tenho uma pequena propriedade, não mais do que trinta diesiatinas, mas, caso isso lhes interessa, vai encontrar lá uma horta-modelo e um viveiro de plantas que não há igual pelas redondezas numa distância de trinta léguas... A silvicultura do Estado faz divisa com ela. O silvicultor está velho e anda sempre adoentado, de modo que, na realidade, sou eu quem cuida desses assuntos.

IELENA ANDRÉIEVNA Já ouvi dizer que o senhor gosta muito de florestas. Naturalmente, isso pode lhe trazer grande proveito, mas não o atrapalha no exercício de sua verdadeira vocação? Enfim, o senhor é médico!

ASTROV Só Deus sabe qual a nossa verdadeira vocação.

IELENA ANDRÉIEVNA A floresta lhe interessa?

ASTROV Sim. Ela me interessa.

VOINITSKII (com ironia) Até demais!

IELENA ANDRÉIEVNA (a Astrov) O senhor ainda é jovem, aparenta ter no máximo uns trinta e seis, trinta e sete anos... E a silvicultura de certo não é tão interessante quanto o senhor afirma. Apenas florestas e mais florestas... A mim parece muito monótono...

SONIA Não é, não. É muito interessante. Mikhail Lvovitch planta novos bosques todos os anos e já recebeu uma medalha de bronze e um diploma por isso. Ele se esforça para que as velhas florestas não sejam derrubadas. Se a senhora o escutar, vai concordar com ele em tudo. Ele diz que as florestas embelezam a terra, ensinam ao homem o que é belo e elevam o espírito. A floresta atenua a severidade do clima. Nos países onde o clima é mais ameno gastam menos energia na luta contra a natureza e, por isso mesmo, lá o homem é mais manso e terno, lá as pessoas são mais bonitas e sensíveis, o entusiasmo brota mais fácil, a fala é melodiosa e os movimentos são graciosos. A ciência e as artes florescem, a filosofia não é tão lúgubre e a relação com a mulher é impregnada de beleza e nobreza...

VOINITSKII (rindo) Bravo, bravo! Tudo isso é encantador, mas nada convincente, portanto (A Astrov) nos permita, amigo, que continuemos usando madeira para aquecermos nossa estufas e construir nossos celeiros.

ASTROV Você poderia aquecer a estufa com turfa e construir o celeiro com pedras. Esta bem, que seja, você pode cortar a árvore quando precisar... mas para que destruir as florestas? As

florestas russas rangem sob os golpes de machado, milhões de árvores são derrubadas, os lares dos animais selvagens e dos pássaros são revirados, os rios se esgotam e secam, desaparecem para sempre as paisagens maravilhosas... somente porque não passa pela cabeça do homem preguiçoso dobrar as pernas e catar a lenha do chão. (A Ielena Andréievna.) Não tenho razão, minha senhora? É um bárbaro insensato aquele que queima na estufa essa beleza, destrói aquilo que somos incapazes de criar. O homem foi dotado de juízo e força criadora para aquilo que multiplicasse aquilo que lhe foi entregue, mas até agora nada criou, apenas destruiu. A cada dia as florestas minguam mais e mais, os rios se esgotam, a vida selvagem se extingue, o clima fica mais adverso e a terra cada vez mais se torna pobre e feia. (A Voinitskii) Seu olhar é irônico e acha que estou falando besteiras... Talvez haja, de fato, algo de excêntrico nisso tudo, mas quando passo nos bosques dos camponeses que salvei da destruição, ou quando ouço o sussurrar do bosque jovem que plantei com as próprias mãos, então sei que o clima depende um pouco de mim também, e se dentro de mil anos o homem for feliz, então eu também contribuí com minha pequena parcela para isso. Quando planto uma muda de bétula e mais tarde a vejo verdejante, agitando-se ao vento, minha alma se enche de orgulho e eu... (Percebe o criado, que lhe traz um copinho de vodca numa bandeja.) Mas...(Bebe.) Tenho de ir. Afinal de contas, tudo isso não passa de uma excentricidade. Meus respeitos! (Parte em direção à casa.)

SONIA (toma-o pelo braço e acompanha-o) Quando vamos voltar a vê-lo?

ASTROV Não sei...

SONIA De novo só daqui a um mês?... (Astrov e Sonia entram na casa; Maria Vasilievna e Teleguin permanecem junto à mesa; Ielena Andréievna e Voinitskii dirigem-se ao terraço.)

IELENA ANDRÉIEVNA Ivan Petrovitch, voltou a comportar-se de modo insuportável. Que necessidade tinha de irritar Maria Vasiliévna, por que teve de falar sobre o *perpetuum móbile*?! E hoje, durante o café da manhã, discutiu de novo com Aleksander! É tão mesquinho isso!

VOINITSKII Mas se eu o odeio!

IELENA ANDRÉIEVNA Não tem porque odiar Aleksander, ele é um homem igual aos outros. Não é pior que o senhor.

VOINITSKII Se visse sua cara, seus movimentos...Quanta preguiça para viver! Ai, quanta preguiça!

IELENA ANDRÉIEVNA Pois é, preguiça, sim, e também tédio! Todos insultam meu marido, todos me olham com ar de pena: é infeliz a coitada, o marido é um velho! Esse ar de pena eu conheço, e como! Astrov disse agora mesmo: destroem as florestas de modo estúpido e daqui a pouco nada restará nada sobre a terra. Pois do mesmo modo estúpido destroem as pessoas também e, graças aos homens, daqui a pouco não restará sobre a terra nem fidelidade, nem pureza e nem capacidade de sacrifício. Por que não são capazes de olhar com indiferença para mulheres que não lhes pertence?! É porque – o doutor tem razão – cada um carrega dentro de si o demônio da destruição. Não tem piedade das florestas, dos pássaros, nem das mulheres e tampouco um do outro.

VOINITSKII Não gosto dessa filosofia. *(Pausa.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Esse doutor tem o rosto fatigado e nervoso. É um rosto interessante. Ao que me parece, ele agrada a Sonia, ela está apaixonada por ele, eu entendo isso. Desde que estou aqui ele já nos visitou três vezes, mas sou acanhada, em nenhuma ocasião o tratei como devia, não fui gentil com ele. Deve pensar que estou zangada com ele. Acho, Ivan Petrovitch, que o senhor e eu somos tão bons amigos porque somos

ambos tediosos e cansativos! Cansativos! Não me olhe dessa maneira, não gosto disso.

VOINITSKII E posso olhá-la de outra maneira se... eu a amo?! A senhora é minha felicidade, minha vida, minha mocidade! Sei que não devo nutrir nenhuma esperança de ser correspondido, ela é igual a zero, mas a mim bastaria apenas que me permitisse olhá-la e ouvir sua voz...

IELENA ANDRÉIEVNA Fale mais baixo! Alguém pode ouvir! *(Encaminha-se para a casa.)*

VOINITSKII *(seguindo-a)* Permita-me que fale de amor, não me enxote... Para mim só isso já será a maior das felicidades...

IELENA ANDRÉIEVNA É tão embaraçoso...

*Ambos entram na casa. Teleguin se põe a tocar uma polca.
Maria Vasiliévna faz uma anotação na margem do texto.*

Cortina.

SEGUNDO ATO

Sala de jantar de Serebriakov. É noite. Do jardim se ouve o matraquear do guarda.

Serebriakov está sentado numa poltrona diante da janela, tirando uma soneca, e Ielena Andréievna, sentada a seu lado, está cochilando também.

SEREBRIAKOV *(despertando)* Quem está aí? É você, Sonia?

IELENA ANDRÉIEVNA Sou eu.

SEREBRIAKOV É você, Lenotchka... É uma dor insuportável!

IELENA ANDRÉIEVNA Seu cobertor caiu no chão. *(Envolve os pés do marido no cobertor.)* Vou fechar a janela, Aleksander.

SEREBRIAKOV Não! Esse ar me sufoca!... Adormeci a pouco e sonhei que a perna esquerda não era minha. A dor lancinante me fez despertar... Não, isso não é gota, mais parece reumatismo. Que horas são agora?

IELENA ANDRÉIEVNA Meia – noite e vinte. *(Pausa.)*

SEREBRIAKOV De manhã procure na biblioteca o livro de Batiuchkov. Acho que nós temos.

IELENA ANDRÉIEVNA Como?

SEREBRIAKOV Veja se encontra de manhã o livro de Batiuchkov. Parece que nós tínhamos um. Mas por que tanta dificuldade de respirar?

IELENA ANDRÉIEVNA Você está cansado. É a segunda noite que não dorme.

SEREBRIAKOV Dizem que a angina de Tugueniev foi causada pela gota. Meu medo é que o mesmo aconteça comigo. Maldita e asquerosa velhice, que o diabo carregue! Desde que envelheci sinto nojo de mim. Aliás, todos devem sentir repugnância de olhar para mim.

IELENA ANDRÉIEVNA Fala da velhice num tom como se nós tivéssemos culpa de você estar velho.

SEREBRIAKOV Você é quem mais me detesta. *(Ielena Andréievna levanta-se e vai se sentar um pouco mais longe.)* Naturalmente, você tem razão. Não sou tolo, e compreendo. Você é jovem, bonita e saudável, quer viver, e eu sou um velho, quase um cadáver. E então? Acha que não compreendo? É tolice, claro, eu ainda estar vivo. Esperem só mais um pouquinho, logo vou liberar todo mundo. Já não me resta muito.

IELENA ANDRÉIEVNA Não agüento mais!...Por Deus, cale-se!

SEREBRIAKOV No fim, parece que vocês não agüentam mais por minha causa, que se aborrecem e desperdiçam a mocidade por minha causa, e só eu desfruto a vida, só eu estou satisfeito. Naturalmente!

IELENA ANDRÉIEVNA Cale-se! Você me martiriza!

SEREBRIAKOV Eu martirizo a todos. Naturalmente!

IELENA ANDRÉIEVNA É insuportável! Diga-me, o que você quer de mim?

SEREBRIAKOV Nada.

IELENA ANDRÉIEVNA Pois então, cale-se, por favor.

SEREBRIAKOV Não deixa de ser estranho: se Ivan Petrovitch ou Maria Vasilievna, aquela velha idiota, dizem alguma coisa, então sim! Serão ouvidos por todos. Mas basta que eu diga uma única palavra e todos se sentem infelizes. Até minha voz causa repugnância. Senão vejamos: sou insuportável, sou um tirano e egoísta; mas será que nem na velhice tenho direito a um pouco de egoísmo?!

IELENA ANDRÉIEVNA Ninguém nega seus direitos. (*O vento bate as folhas da janela.*) Está ventando, vou fechar a janela. (*Fecha a janela.*) Vai chover logo. Ninguém nega seus direitos. (*Pausa; o guarda-noturno matraqueia no jardim e canta.*)

SEREBRIAKOV Trabalhei em prol da ciência a vida inteira, acostumei-me à cátedra, ao auditório, aos respeitáveis colegas... E agora, de repente, me encontro nessa cripta; dia após dia só vejo gente tola, só ouço seu palavreado insosso... Eu quero viver, gosto do sucesso, da fama, do burburinho da vida... E aqui vivo como no exílio. A todo momento sentir saudade do passado, observar o sucesso de *outros*, temer a morte... Não agüento! Falta-me forças! E ainda por cima não querem me perdoar porque estou velho!

IELENA ANRÉIEVNA Espere! Tenha paciência: dentro de cinco ou seis anos eu também estarei velha.

Entra Sonia

SONIA Papai! Foi você mesmo quem mandou chamar o doutor Astrov, e agora, quando ele chega, se nega a recebê-lo. Isso é falta de consideração. Nós o incomodamos à-toa...

SEREBRIAKOV Que me interessa seu Astrov! Entende tanto de medicina quanto eu de astronomia.

SONIA Não podemos chamar toda a faculdade de medicina por causa de sua gota.

SEREBRIAKOV Eu não quero saber desse maluco.

SONIA Como quiser. (*Senta-se.*) Para mim tanto faz.

SEREBRIAKOV Que horas são agora?

IELENA ANDRÉIEVNA Passou da meia noite.

SEREBRIAKOV O ar está me sufocando... Sonia! Passe as gotas, elas estão sobre a mesa!

SONIA Agora mesmo. (*Entrega-lhe as gotas.*)

SEREBRIAKOV (*irritado*) Ai, não são essas! Não se pode pedir mais nada!

SONIA Por favor, pare com esses caprichos! Talvez isso agrade a alguns, mas me poupe, por favor. Não gosto disso. E nem tenho tempo, amanhã devo me levantar cedo para ceifar o feno.

Entra Voinitskii, de roupão, segurando uma vela acesa.

VOINITSKII Vem uma tempestade aí. (*Relampeja.*) Viram? Hélene, Sonia, vão se deitar, vim para substituí-las.

SEREBRIAKOV (*assustado*) Não me deixem com ele! Não! Sua conversa fiada me deixa zozzo!

VOINITSKII Mas elas precisam de descanso! É a segunda noite que não dormem.

SEREBRIAKOV Pois que vão dormir, mas saia daqui você também. Obrigado. Peço penhoradamente. Em nome de nossa

Banco de Textos



amizade de outrora, peço... Não proteste... Falaremos mais tarde.

VOINITSKII *(com sorriso irônico)* De nossa amizade de outrora... De outrora...

SONIA Cale-se tio Vania.

SEREBRIAKOV *(à esposa)* Querida, não me deixe com ele! Eu fico zozzo com sua prosa.

VOINITSKII Isso é ridículo. *(Entra Marina com uma vela acesa na mão.)*

SONIA Vá se deitar, babá! Já é tarde.

MARINA O samovar ainda está na mesa. Como posso me deitar?...

SEREBRIAKOV Ninguém dorme, todos estão esgotados e eu sou o único que está feliz.

MARINA *(aproximando-se de Serebriakov com ternura)* O que é que há, paizinho? Está doendo? A mim pesam tanto as pernas, mas tanto! *(Ajeita o cobertor.)* Essa sua doença é velha. A pobre falecida Vera Petrovna, mãe de Sonietchka, velava muitas noites, preocupada consigo... Ela gostava demais de você... *(Pausa.)* Os velhos são iguais às crianças, gostariam que alguém tivesse piedade deles. Mas ninguém se apieda dos velhos. *(Beija o ombro de Serebriakov.)* Vá se deitar na cama, querido... Vamos meu raio de sol... Vou trazer chá de tília, vou aquecer seus pezinhos... Vou rezar por você...

SEREBRIAKOV *(comovido)* Vamos, Marina.

MARINA Também me pesam tanto as pernas, mas tanto! *(Ela o conduz, ajudada por Sonia.)* Muitas vezes Vera Petrovna

sofreu com você e chorou, a coitada... Você Sonietchka ainda era pequena, uma bobinha... *(A Serebriakov.)* Venha querido, venha...

Saem Serebriakov, Sonia e Marina.

IELENA ANDRÉIEVNA Ele me deixou esgotada. Mal me agüento em pé.

VOINITSKII Ele à senhora e a senhora, a mim. Há três noites que eu não durmo.

IELENA ANDRÉIEVNA Que casa mais desafortunada! Sua mãe odeia a tudo e todos, menos suas leituras e o professor; o professor está irritado, em mim ela não confia e ao senhor teme; Sonia está zangada com o pai, comigo, e há duas semanas não me dirige a palavra; o senhor odeia meu marido, despreza a mãe abertamente; eu estou irritada e hoje desatei a chorar já umas vinte vezes... É uma casa desafortunada.

VOINITSKII Vamos deixar de lado as filosofias!

IELENA ANDRÉIEVNA O senhor é um homem inteligente e culto, Ivan Petrovitch, e acho que deve compreender que o que destrói o mundo não são os ladrões e os incêndios, mas o ódio, a hostilidade e todas as essas desavenças... O senhor, em vez de ficar aí resmungando, devia reconciliar todo mundo.

VOINITSKII Primeiro me reconcilie comigo mesmo! Minha querida!... *(Tenta beijar impetuosamente a mão de Ielena Andréievna.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Deixe-me! *(Afasta a mão.)* Vá!

VOINITSKII Logo a chuva irá parar e toda a natureza vai se refrescar e respirar aliviada. Só a mim a tempestade não refresca. Como um pesadelo, dia e noite me acompanha a idéia de que minha vida está perdida – irrevogavelmente! Não tenho

um passado, eu o desperdicei de modo tolo... com nada. O presente é terrível, pois é idiota. Como exemplo, aqui estão minha vida e meu amor: como me sentir, o que fazer com eles? Meu sentimento se consome como o raio de luz que cai numa cova, e eu me consumo também.

IELENA ANDRÉIEVNA Toda vez que fala de seu amor eu me sinto como num torpor e não sei o que dizer. Perdoe-me, mas nada posso lhe dizer. (*Quer se retirar.*) Boa noite!

VOINITSKII (*impede-lhe a passagem*) Se soubesse como me atormenta a idéia de que aqui ao meu lado, nesta casa, uma vida está se arruinando: a sua! Está esperando o quê? Que maldita filosofia a impede? Tente compreender, tente compreender...

IELENA ANDRÉIEVNA (*Olha para ele atentamente*) Ivan Petrovitch, o senhor está bêbado!

VOINITSKII É possível, é possível...

IELENA ANDRÉIEVNA Onde está o doutor?

VOINITSKII Lá dentro... Está dormindo em meu quarto. É possível, é possível... Tudo é possível!

IELENA ANDRÉIEVNA Esteve bebendo hoje de novo? Para que serve isso?

VOINITSKII Pelo menos me dá a impressão de estar vivo... Não me impeça.

IELENA ANDRÉIEVNA Antes o senhor não bebia e nem falava tanto... Vá dormir! Está me aborrecendo.

VOINITSKII (*tenta beijar a mão dela*) Minha querida... minha adorada...

IELENA ANDRÉIEVNA (*irritada*) Deixe-me. Que coisa mais enfadonha! (*Sai.*)

VOINITSKII (*sozinho*) Ela foi embora... (*Pausa.*) Encontrei-a há dez anos, na casa de minha falecida irmã. Por que não me apaixonei por ela então e não lhe pedi a mão? Eu tinha condições para isso! Assim, ela agora seria minha mulher... Sim... Agora a tempestade nos despertaria; ela se assustaria com os trovões e eu, tomando-a nos braços, sussurraria: "Não tenha medo, eu estou aqui." Oh, pensamentos maravilhosos, é tão bom que até me faz rir... mas, meu Deus, os pensamentos se confundem em minha cabeça... Por que sou um velho? Por que ela não me entende? Sua retórica, sua moral ociosa, suas idéias confusas e inúteis sobre a destruição do mundo... Odeio tudo isso do fundo de minha alma! (*Silêncio.*) Oh, como me enganei! Eu idolatrava esse professor, esse gotoso lamentável, trabalhei para ele como uma besta! Eu e Sonia esprememos desta fazenda até a última gota, tudo o que ela podia oferecer, vendíamos o óleo, a ervilha e a ricota, como os *kulaks**; nós nos privamos até mesmo de um pedaço de pão para juntar, de coque em coque, milhares de rublos e mandar para ele. Eu me orgulhava dele e de sua ciência, vivia só para ele, respirava para ele! Tudo o que escrevia ou declarava eu achava genial... E agora, meu Deus?! Agora que se aposentou, fica visível em que se resume toda a sua vida: não restará dele uma única página sequer, é totalmente desconhecido – em ninguém! Uma bolha de sabão! Como fui enganado... vejo que estupidamente fui enganado...

Entra Astrov, de casaco, sem colete e sem gravata. Está um tanto alegre; é seguido por Teleguin, que carrega um violão.

ASTROV Toque!

* *Camponeses abastados.*

TELEGUIN Mas todos estão dormindo!

ASTROV Toque! (*Teleguin começa baixinho.*)

ASTROV (*a Voinitskii*) Está sozinho? E as senhoras? (*Coloca as mãos na cintura e canta em voz baixa.*) “Vem casa, vem fogão, precisa de cama o patrão...” A tempestade me despertou. Que bela chuvinha! Que horas são?

VOINITSKII Sei lá.

ASTROV Pareceu-me ouvir a voz de Ielena Andréievna.

VOINITSKII Ela esteve aqui a pouco.

ASTROV Mulher maravilhosa. (*Examina os frascos de remédio sobre a mesa.*) Remédios. Olhe a quantidade de receitas que têm aqui! De Kharkov, Moscou, Tula... Ele perturbou um bocado de cidades com sua gota. Esse sujeito está doente de fato, ou só finge?

VOINITSKII Está doente. (*Pausa.*)

ASTROV Você parece triste hoje. Por acaso tem pena do professor?

VOINITSKII Deixe-me em paz!

ASTROV Ou talvez esteja apaixonado pela mulher do professor.

VOINITSKII Ela e eu somos bons amigos.

ASTROV Já?

VOINITSKII O que quer dizer com esse “já”?

ASTROV A mulher só se pode tornar amiga do homem na seguinte ordem: primeiro conhecida, depois amante e por último, amiga.

VOINITSKII Filosofia vulgar.

ASTROV Como? Sim... Devo lhe confessar: aos poucos estou ficando vulgar. Veja, estou bêbado também. Em geral só encho a cara assim uma vez por mês. Nesse estado, meu descaramento e minha ousadia não conhecem limites. Nessas horas tudo me parece fácil! Não tenho medo de iniciar as operações mais complicadas e as concluo esplendidamente. Nessas horas não me sinto um esquisitão e me convenço de que sou extremamente útil para a humanidade... extremamente! Nessas horas tenho meu próprio sistema filosófico e vocês, amigão, todos vocês, não passam de uns pequenos insetos a meus olhos... uns micróbios. (*A Teleguin.*) Toque, Bexiga!

TELEGUIN Eu de bom grado tocaria para lhe agradar, meu caro amigo, mas entenda, todos na casa estão dormindo!

ASTROV Toque! (*Teleguin toca baixinho.*) Seria bom beber algo. Vamos, acho que ainda sobrou um pouco de conhaque. E quando clarear, iremos para a minha casa. De acordo? Tenho um ajudante, ele nunca diz “de acordo”, mas “de acorrdo”. É um ladrão danado de grande, aquele. Pois então: de acorrdo? (*Percebe Sonia, que está entrando.*) Perdão, estou sem gravata. (*Sai rapidamente, seguido por Teleguin.*)

SONIA Tio Vania, andou se embebedando outra vez com o doutor. Fizeram amizade, os dois pombinhos. Tudo bem, ele é sempre assim, mas você, por que bebe? Na sua idade não se deve fazer mais isso.

VOINITSKII Que importa a idade! Quando não existe uma vida de verdade, vive-se de ilusão. Sempre é melhor que nada.

SONIA Todo o feno já foi cortado, chove todos os dias, tudo apodrece e você corre atrás de ilusões. Abandonou por completo os negócios da fazenda... Eu trabalho sozinha, estou totalmente esgotada... (*Assustada.*) Tio Vania, seus olhos estão cheios de lágrimas?

VOINITSKII Que lágrimas, que nada! Bobagem... Você olhou agora para mim como fazia sua falecida mãe. Minha querida... (*Beija com avidez o rosto e as mãos de Sonia.*) Minha irmãzinha... minha querida irmãzinha... onde ela está agora? Se ela soubesse! Ah, se ela soubesse!

SONIA O quê, tio Vania? Soubesse o quê?

VOINITSKII É difícil, não é bom... Não é nada... Depois eu... Não é nada, não é nada... Vou indo... (*Sai.*)

SONIA (*bate na porta*) Mikhail Lvovitch! Não está dormindo? É só um momento!

ASTROV (*de dentro*) Agora mesmo! (*Depois de algum tempo, ele entra; já está de colete e gravata.*) Que deseja?

SONIA Continue bebendo, se isso não lhe repugna, mas suplico, não dê bebida ao tio. Faz mal a ele.

ASTROV Está bem. Não vamos beber mais. (*Pausa.*) Já vou indo para casa. Está decidido e selado. Quando terminarem de atrelar os cavalos já estará amanhecendo.

SONIA Está chovendo, espere até clarear.

ASTROV A tempestade passa longe. Vamos pegar só vento. Estou de partida. E, por favor, não me chamem mais para ver seu pai. Se eu disser gota, ele afirma que é reumatismo; eu peço que fique deitado, ele passa o tempo todo sentado. E hoje ele simplesmente não quis falar comigo.

SONIA Ele é muito mimado. (*Procura algo no aparador.*) Quer comer um pouco?

ASTROV Sim, por favor.

SONIA Gosto de comer à noite. Deve restar alguma coisa no aparador. Dizem que ele sempre teve muito sucesso com as mulheres e elas o acostumaram mal. Coma um pedaço de queijo. (*De pé, junto ao aparador, eles comem.*)

ASTROV Hoje não comi nada, só bebi. Seu pai tem um temperamento difícil. (*Tira uma garrafa do aparador.*) Posso? (*Vira um copinho.*) Não há ninguém aqui, e assim podemos falar sem rodeios. Sabe, eu sinto que não seria capaz de viver em sua casa, mesmo que fosse por um mês. Esta atmosfera me mataria... Seu pai, que se absorveu por completo na gota e nos livros, o tio Vania com essa melancolia, sua avó e, por fim, sua madrasta...

SONIA Que tem minha madrasta?

ASTROV Tudo numa pessoa deve ser bonito: tanto o rosto como a roupa, a alma, os pensamentos... Ela é bela, sem dúvida, mas... só come, dorme, passeia, seduz com sua beleza e mais nada. Não tem nenhuma ocupação, os outros trabalham para ela... Não é verdade? E uma vida ociosa não pode ser limpa. (*Pausa.*) De resto, é possível que eu esteja sendo demasiado rigoroso com ela. Mas não estou satisfeito com a sua vida, tal como seu tio Vania, e assim ambos nos transformamos em ursos rabugentos.

SONIA Não está satisfeito com a vida, como assim?

ASTROV No geral amo a vida, mas acho insuportável nossa vidinha russa burguesa e provinciana, e eu a desprezo com todas as minhas forças. E quanto à minha própria vida, esta com certeza não tem nada de bom. Sabe, se atravessamos uma

floresta numa noite escura e vemos uma luzinha cintilar ao longe, então nem reparamos na fadiga, na escuridão, nos galhos espinhentos que nos batem no rosto... Como sabe, trabalho mais do que qualquer outro por aqui, recebo os golpes do destino sem cessar, de tempos em tempos o meu sofrimento é insuportável – e não vejo ao longe um raio de esperança... Há muito não amo ninguém.

SONIA Ninguém?

ASTROV Ninguém. Apenas sua babá me desperta certa ternura por causa das velhas recordações. Os camponeses não tem graça, são atrasados e vivem na sujeira e com os intelectuais é difícil conviver. Eles só me cansam. Os nossos conhecidos mais próximos, são, sem exceção, limitados no pensar e no sentir, não enxergam um passo adiante do nariz – ou seja: são estúpidos. Os mais inteligentes ou de maior valor são histéricos, consumidos pela análise, pela reflexão... Esses vivem se lamentando, se odiando, caluniam uns aos outros de modo doentio, nos abordam de esguelha e nos olham de viés e constata: “Oh, esse é um psicopata”, ou “esse é um tagarela!” E quando não sabem como nos tachar, então dizem: “Sujeito estranho aquele, muito estranho!” Eu gosto dos bosques – isso é estranho; não como carne – isso também é estranho. A relação com a natureza e com as pessoas não é mais uma relação espontânea, pura e livre... Não é não. *(Quer beber.)*

SONIA *(impede-o)* Não, peço-lhe! Suplico que não beba mais!

ASTROV Por quê?

SONIA Isso não lhe vai bem! O senhor é um homem bem apessoado, tem a voz tão doce... E mais: é o melhor entre todos os que conheço. Por que então quer se assemelhar aos homens comuns, que jogam e bebem? Oh, não faça isso, eu lhe suplico! O senhor costuma dizer que os homens, em vez de criar, destroem aquilo com que os céus nos abençoaram. Então por

que destrói a si mesmo? Não deve, não deve, peço-lhe, suplico que não faça isso!

ASTROV *(estende-lhe a mão)* Não vou beber mais.

SONIA Dê-me sua palavra.

ASTROV Palavra de honra.

SONIA *(aperta-lhe a mão com força)* Obrigada.

ASTROV Chega! Já estou sóbrio. Veja, já estou totalmente sóbrio e assim me conservarei até o fim da vida. *(Consulta o relógio.)* Então continuemos. Como ia dizendo: meu tempo passou, agora é tarde... Envelheci, trabalhei demais, tornei-me superficial, meus sentimentos se embotaram, e certamente não conseguiria estabelecer uma relação íntima com ninguém. Não amo mais... e nem vou me apaixonar por ninguém. A única coisa que me empolga é a beleza. A ela não sou indiferente. Acho que, se Ielena Andréievna quisesse, conseguiria virar minha cabeça num único dia... Mas isso não é amor, não é uma relação íntima... *(Cobre os olhos com uma das mãos e estremece.)*

SONIA O que houve?

ASTROV Nada, apenas... Durante a quaresma morreu um paciente meu devido ao efeito do clorofórmio.

SONIA Já é hora de esquecer. *(Pausa.)* Diga-me Mikhail Lvovitch... Se eu tivesse uma amiga ou uma irmã mais nova e se o senhor viesse a saber que ela... suponhamos, o ama, qual seria sua reação?

ASTROV *(encolhe os ombros)* Não sei. Provavelmente nenhuma. Faria com que ela compreendesse que eu não posso me apaixonar por ela... Mas não é isso que me ocupa a cabeça agora... de qualquer forma, já é mais que hora de partir. Adeus,

queridinha, senão esta conversa não termina nem ao raiar do dia. *(Dá-lhe um aperto de mão.)* Se me permite, saio pela sala, pois temo que seu tio me detenha. *(Sai.)*

SONIA *(sozinha)* Não me disse nada... Sua alma e seu coração estão ocultos para mim, e por que todavia, me sinto tão feliz? *(Ri feliz.)* Disse a ele: o senhor é muito bem apessoado, tem nobreza de alma e a voz tão doce... Ou será que saiu às avessas? Sua voz é vibrante, me acaricia... sinto-a no ar mesmo agora. Mas quando lhe falei da minha irmã mais nova, ele não entendeu... *(Retorcendo as mãos.)* Oh, como é terrível não ser bonita! Como é terrível! Pois sei que não sou bonita, eu sei, eu sei... No domingo passado, quando saía da igreja, ouvi uma conversa a meu respeito; uma mulher disse: “Moça tão boa e generosa, pena que seja feia...” Feia... *(Entra Ielena Andréievna.)*

IELENA ANDRÉIEVNA *(abre a janela)* A tempestade passou. Que ar agradável! O doutor, onde está?

SONIA Foi embora. *(Pausa.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Sophiel!

SONIA Sim!

IELENA ANDRÉIEVNA Até quando vai ficar zangada comigo? Não fizemos mal algum uma à outra! Por que então devemos ser inimigas? Vamos acabar com isso...

SONIA Eu mesma já quis... *(Abraça-a.)* Chega de briga.

IELENA ANDRÉIEVNA Magnífico! *(Estão ambas agitadas.)*

SONIA Papai foi se deitar?

IELENA ANDRÉIEVNA Não, está sentado na sala... Durante semanas a gente não conversou e só Deus sabe por quê... *(Vê o aparador aberto.)* Que é isso?

SONIA Mikhail Lvovitch esteve jantando.

IELENA ANDRÉIEVNA Vejo que tem bebida também... Vamos selar nossa amizade com um trago!

SONIA Vamos.

IELENA ANDRÉIEVNA Do mesmo copinho... *(Enche um.)* Assim é melhor. *(Bebem e trocam beijos.)*

SONIA Há tempos que eu queria fazer as pazes mas tinha vergonha... *(Chora.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Por que chora?

SONIA Por nada.

IELENA ANDRÉIEVNA Está bem chega, chega... *(Chora.)* Sua bobinha, pois não é que eu também desatei a chorar... *(Pausa.)* Você está ressentida comigo porque disseram que casei com seu pai por interesse. Se você acreditar em juramentos, então eu juro: eu me casei com ele por amor. Encantou-me o homem famoso, o sábio. Não era um amor de verdade, era só imaginação, mas eu achava então que era verdadeiro. Não tenho culpa. E você, desde o dia de nosso casamento, não parou de me condenar com esses olhos inteligentes e desconfiados.

SONIA Bem, agora é a paz! A paz! Vamos esquecer isso.

IELENA ANDRÉIEVNA Não deve olhar assim, isso não combina com você. Temos de confiar nas pessoas, de outra forma é impossível... *(Pausa.)*

SONIA Diga-me, com a sinceridade de uma boa amiga... Você é feliz?

IELENA ANDRÉIEVNA Não.

SONIA Sabia. Mais uma pergunta. Diga-me francamente: gostaria de ter um marido jovem?

IELENA ANDRÉIEVNA Como você é criança ainda! É claro que gostaria. *(Ri.)* E então, pergunte mais alguma coisa, pergunte...

SONIA O doutor agrada a você?

IELENA ANDRÉIEVNA Sim, muito.

SONIA *(rindo)* Tenho uma cara de tonta... Não é? Ele já foi e eu ainda ouço sua voz, o som dos seus passos e, se olhar pela janela escura, é seu rosto que vejo... Deixe que eu conte tudo... Só que não posso falar assim tão alto, sinto vergonha. Vamos até meu quarto para conversar. Você me considera uma boba? Confesse... Diga-me algo sobre ele...

IELENA ANDRÉIEVNA Mas o quê?

SONIA É um homem inteligente... Sabe tudo, entende tudo... Cura gente e também planta bosques...

IELENA ANDRÉIEVNA Não é o bosque que importa e tampouco a medicina... entenda, querida... mas seu talento... E você sabe o que é talento? Audácia, cabeça arejada e arrojo... Ele planta uma muda e já especula o que sobre o que vai ser daí a mil anos, já vislumbra a felicidade dos homens. Esse tipo de homem é raro. Temos de amá-los... Ele bebe e às vezes é um pouco grosseiro, mas isso não faz mal. Na Rússia um homem de talento não pode ficar imaculado. Pense um pouco, que vida esse doutor leva! As estradas, um imenso lamaçal;

gelo, tempestade de neve, distâncias enormes, povo selvagem e bruto, miséria por todos os cantos, doenças... pois, nessas circunstâncias, para aquele que luta e trabalha sem parar é difícil conservar-se imaculado e sóbrio aos quarenta anos... *(Dá-lhe um beijo.)* Desejo de coração toda a felicidade que você merece... *(Levanta-se.)* Mas sou apenas uma personagem episódica... na música, na casa do meu marido, em todos os romances, ou seja, em tudo sempre fui apenas figura episódica. Na verdade, Sonia, se pensarmos bem, sou muito, mas muito infeliz! *(Agitada, anda pelo palco de um lado para outro.)* Não restou felicidade para mim neste mundo. Não mesmo! Mas por que você está rindo?

SONIA *(ri, cobrindo o rosto.)* Pois eu estou tão feliz... feliz!

IELENA ANDRÉIEVNA Gostaria tanto de tocar. Tenho tanta vontade de tocar agora.

SONIA Então toque. *(Abraça-a)* Não consigo dormir mesmo... Toque!

IELENA ANDRÉIEVNA Agora mesmo. Seu pai também não dorme. Mas quando está adoentado a música o irrita. Vá, pergunte-lhe! Se ele não se opuser, então eu toco. Ande!

SONIA Já vou. *(Sai. No jardim o guarda matraqueia.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Faz tempo que não toco. Vou tocar e chorar como uma tonta. *(Fala pela janela.)* Iefim, é você que está matraqueando? *(A voz do guarda: "Sim!")* Pare de matraquear, o patrão está doente. *(A voz do guarda: "Já estou indo embora!")* *(Assovia aos cachorros. "Ei, Moleca, Besouro! Moleca!" Pausa.)*

SONIA *(retorna)* Não pode!

Cortina.

TERCEIRO ATO

A sala dos Serebriakov. Três portas: à direita, à esquerda e no centro. É dia.

Voinitskii, Sonia (sentados) e Ielena Andréievna (andando de um lado para o outro, em atitude pensativa)

VOINITSKII *Herr Professor* dignou-se manifestar o desejo de que todos nos reuníssemos aqui nesta sala a uma da tarde. (*Consulta o relógio.*) Faltam quinze para uma. Ele deseja declarar algo ao mundo.

IELENA ANDRÉIEVNA Trata-se, com certeza, de um assunto sério.

VOINITSKII Ele não tem nenhum assunto sério. Escrevinha bobagens, resmunga e sente ciúmes – e nada mais.

SONIA (*em tom de reprovação*) Tio Vania!

VOINITSKII Está bem, está bem, perdão. (*Aponta para Ielena Andréievna.*) Pode admirá-la: só vai e vem, mal se agüenta de pé de tanta preguiça. Muito simpático, muito!

IELENA ANDRÉIEVNA E o senhor só vive resmungando o dia todo! Como não se cansa?! (*Com tristeza.*) O tédio quase me mata, não sei o que fazer.

SONIA (*encolhendo os ombros*) Coisa para fazer, você encontraria. Bastava querer.

IELENA ANDRÉIEVNA Por exemplo?

SONIA Ocupe-se da propriedade, ensine, cure. Isso não lhe basta? Enquanto vocês, você e o papai, não estavam aqui, tio Vania e eu íamos nós mesmos à feira vender farinha.

IELENA ANDRÉIEVNA Eu não sei fazer isso. E nem me interessa. Só nos romances de doutrinação ensinam e medicam os camponeses. Como eu poderia, sem mais nem menos, cuidar deles, educá-los?

SONIA Pois o que eu não entendo é como se pode não cuidar deles, não os educar. Tenha paciência, você vai se acostumar. (*Abraça-a.*) Não se aborreça, querida (*Ri.*) Você se aborrece, não sabe o que fazer consigo mesma, e olhe que tédio e ociosidade são contagiosos! Veja: tio Vania não faz nada, só vive seguindo seus passos como uma sombra, eu também abandonei meus afazeres e corri aqui para conversar. Tornei-me uma preguiçosa, não tenho culpa! Mikhail Lvovitch, era raro vir aqui, uma vez por mês, talvez, e agora vem todo santo dia, abandonou seus bosques e também sua profissão. Você deve ser uma feiticeira.

VOINITSKII Por que se angustia? (*Vivamente.*) Minha querida, minha flor, seja sensata! Em suas veias corre o sangue de uma sereia, pois seja então uma sereia! Permita-se agir com liberdade pelo menos uma vez na vida, se enamore o quanto antes por algum duende das águas e caia de cabeça no redemoinho, deixando tanto *Herr Professor* quanto a nós de mãos abanando!

IELENA ANDRÉIEVNA (*irada*) Deixe-me em paz, isso já é crueldade! (*Faz menção de retirar-se.*)

VOINITSKII (*impedindo-a*) Está bem, está bem, perdoe-me, luz da minha vida. Peça perdão. (*Beija a mão dela.*) Paz!

IELENA ANDRÉIEVNA Reconheça que até um anjo perderia a paciência.

VOINITSKII Como sinal de paz e concórdia vou trazer já um ramo de rosas; colhi para a senhora ainda pela manhã... Rosas de outono... Rosas encantadoras e tristes... *(Sai.)*

SONIA Rosas de outono, encantadoras e tristes... *(Ambas olham pela janela.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Já estamos em setembro. Como vamos agüentar um inverno inteiro aqui? *(Pausa.)* Onde está o doutor?

SONIA Está no quarto de tio Vania, escrevendo alguma coisa. Alegra-me que tio Vania tenha saído, preciso conversar com você.

IELENA ANDRÉIEVNA Sobre o quê?

SONIA Sobre o quê? *(Reclina a cabeça sobre o peito de Ielena Andréievna.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Ora, chega, chega... *(Acaricia-lhe os cabelos.)* Chega.

SONIA Sou feia.

IELENA ANDRÉIEVNA Você tem um cabelo lindo.

SONIA Não! *(Volta o rosto para se ver no espelho.)* Não! Quando uma mulher é feia dizem a ela que “seus olhos são tão lindos, seus cabelos são tão lindos”... Amo-o há seis anos, amo-o mais que à minha própria mãe; ouço sua voz a todo instante, sinto a pressão de sua mão; tenho olhar preso na porta, à sua espera, e me parece que ele vai entrar no instante seguinte. E, está vendo, a cada minuto corro até você para falar dele. Agora ele vem aqui todos os dias, mas nem me nota, nem me vê... Que sofrimento, não alimento nenhuma esperança! Nenhuma, nenhuma! *(Desesperada.)* Oh, meu Deus, dá-me forças... Rezei

a noite toda... Com freqüência me aproximo dele, dirijo-lhe a palavra e olho para ele, olho nos olhos... Já não me resta mais orgulho, não tenho mais domínio sobre mim mesma... Não pude resistir: confessei ontem a tio Vania que amo Astrov... E toda a criadagem sabe que o amo. Todos sabem.

IELENA ANDRÉIEVNA E ele?

SONIA Nem percebe que eu existo.

IELENA ANDRÉIEVNA *(pensativa)* É um homem estranho... Sabe de uma coisa? Permita que eu fale com ele... Com cuidado, é claro, insinuando... *(Pausa.)* Permita! *(Sonia assente com a cabeça.)* Magnífico! Não é difícil saber se ele ama você ou não. Não se envergonhe, meu anjo, e não tenha medo: vou interrogá-lo com tanto cuidado que ele nem vai perceber. O que temos de averiguar é: sim ou não. Se for não, então que não venha mais aqui. Não é verdade? *(Sonia assente com a cabeça.)* Seria mais fácil se você não o visse. Vamos interrogá-lo agora mesmo, sem demora. Ele quis me mostrar uns desenhos, uns projetos... Vá, diga-lhe que quero vê-lo.

SONIA *(presa de forte emoção.)* Mas você vai me dizer toda a verdade?

IELENA ANDRÉIEVNA Claro que sim. Acho que a verdade, qualquer que seja, é menos terrível que a incerteza... Deixe comigo, meu anjo.

SONIA Sim... Sim... Vou dizer a ele que você quer ver os desenhos... *(Dirige-se à porta mas, ao alcançá-la, pára.)* Não, melhor é a incerteza... Assim ao menos sempre resta uma esperança...

IELENA ANDRÉIEVNA O que foi que disse?

SONIA Nada. *(Sai.)*

IELENA ANDRÉIEVNA (*sozinha.*) Não há nada pior do que a gente vir a saber um segredo alheio e não poder ajudar. (*Pensativa.*) O doutor não está apaixonado por ela – isso é óbvio –, mas por que não haveria de casar-se com ela? Sonia não é bonita, mas para um médico do interior, principalmente de sua idade, seria uma esposa bonita o suficiente. É inteligente e é tão boa e pura!... Não, mesmo assim, não seria bom... (*Pausa.*) Compreendo essa pobre moça. Nesse moinho desesperador – onde em lugar de pessoas, apenas umas manchas cinzentas vagueiam ao nosso redor, onde só dizem asneiras e não são capazes de fazer mais nada além de comer e beber e dormir – a aparição de um homem igual a ele, diferente dos demais, bonito, interessante e atraente, é como uma lua brilhante surgindo no meio da escuridão... Esquecendo tudo, ela sucumbe ao encontro de tal homem... Parece que eu também me apaixonei um pouco por ele. Sim, eu me aborreço ele não está e sorrio ao recordá-lo. Esse tio Vania diz que em minhas veias “corre o sangue de uma sereia”... “Permita-se agir com liberdade pelo menos uma vez na vida”... Bem, talvez devesse mesmo fazê-lo... Livre como um pássaro, voar para longe de vocês, deixar aqui seus rostos sonolentos, sua conversa fiada, esquecer que vocês existem... Mas sou medrosa e me falta coragem... A consciência me atormenta, só de pensar... Então ele vem aqui todos os dias, imagino por quê, e já me sinto culpada, devia cair de joelhos diante de Sonia e pedir-lhe perdão e chorar, chorar...

ASTROV (*entra trazendo um mapa*) Bom dia. (*Apertam-se as mãos.*) Quer ver minha pintura?

IELENA ANDRÉIEVNA Ontem me prometeu que mostraria seus trabalhos... Tem tempo agora?

ASTROV Oh, é claro. (*Estende sobre a mesa de jogo o mapa e o prende com taxinhas.*) Onde a senhora nasceu?

IELENA ANDRÉIEVNA Em Petersburgo.

ASTROV E onde estudou?

IELENA ANDRÉIEVNA No conservatório.

ASTROV Então, isso não vai lhe interessar muito.

IELENA ANDRÉIEVNA Por que não? É verdade que desconheço a vida no campo, mas li muito a respeito dela.

ASTROV Tenho minha própria mesa nesta casa... no quarto de Ivan Petrovitch. Quando estou totalmente exausto e apático largo tudo, corro para cá e me distraio com esta coisa por algumas horas... Enquanto Ivan Petrovitch Sofia Aleksandrovna fazem contas com o ábaco, fico sentado ao lado deles na mesa, fazendo meus borrões. O ambiente é tão aconchegante e tranquilo – e o grilo canta. Mas só raramente posso me permitir esse prazer, uma vez por mês... (*Aponta para o mapa.*) Olhe para isto agora! É o mapa da nossa comarca. Assim era cinqüenta anos atrás. O verde escuro e o verde claro representam as florestas. Metade de toda a superfície é ocupada por florestas. Onde uma rede vermelha cobre o verde havia alces e cabras. Eu represento aqui tanto o mundo vegetal quanto o animal. Neste lago viviam cisnes, gansos selvagens, galos silvestres e, como dizem os velhos, aqui havia um mundão de animais de toda espécie; quando levantavam vôo o céu escurecia. Além das aldeias e vilas espalhavam-se, como está vendo, todo tipo de povoados, lugarejos, claustros de monges hereges, moinhos hidráulicos... Havia também muito gado de corte e cavalos. Isso é indicado pelo azul-claro. Este distrito aqui, por exemplo, é coberto densamente pelo azul-claro; aqui abundavam as criações de cavalos, três cavalos para cada casa. (*Pausa.*) Agora vamos olhar mais abaixo. Esta era a situação vinte e cinco anos atrás. Já apenas uma terça parte de toda a superfície está coberta por florestas. Cabras já não existem, mais porém ainda há alces. As cores verde e azul já são mais desbotadas. E assim por diante... Vamos passar agora para a terceira parte; é o quadro atual da nossa comarca. A cor

verde só aparece aqui e acolá, mas não de forma contínua, são apenas manchas; os alces sumiram, os cisnes e os galos silvestres também... Não há nem sinal dos velhos povoados, lugarejos, claustros, moinhos. Este mapa apresenta, de modo geral, o quadro da decadência gradual mas incontestável que, segundo me parece, precisa de pouco mais de quinze anos para se tornar completo. A senhora me dirá que isso é decorrência da civilização, que a vida antiga cede necessariamente lugar à vida nova. Sim, eu compreenderia isso, se no lugar das florestas derrubadas tivessem construído estradas e ferrovias, se aqui existissem fábricas, escolas, se o povo tivesse mais saúde, fosse mais rico e inteligente, mas não é nada disso! A comarca continua cheia de pântanos, mosquitos e miséria, tifo, difteria, incêndios, e com a mesma falta de estradas. A luta do povo pela sobrevivência – luta que supera suas forças – foi que causou a decadência, e mais a indolência, a ignorância, a falta absoluta de consciência: o camponês trêmulo, faminto e doente, para salvar os destroços de sua vida, para proteger seus filhos, instintivamente, inconscientemente, se agarra a tudo com o que pode acalmar a fome e se esquentar, e pouco se incomoda com o amanhã, destrói tudo... Já quase tudo está destruído e nada foi construído em seu lugar. *(Com frieza.)* Mas vejo pela sua expressão que isso não lhe interessa.

IELENA ANDRÉIEVNA É que entendo tão pouco disso...

ASTROV Não há o que entender nisso, simplesmente não lhe interessa.

IELENA ANDRÉIEVNA Para ser franca, minha cabeça está ocupada com outra coisa. Desculpe. Agora vou submetê-lo a um pequeno interrogatório, mas estou confusa, não sei como começar.

ASTROV Um interrogatório?

IELENA ANDRÉIEVNA Sim, um interrogatório, mas... bastante inocente. Não quer se sentar? *(Sentam-se.)* Trata-se de uma jovem. Vamos falar sem rodeios, como pessoas decentes, como bons amigos. Falamos e depois esquecemos qual foi o assunto da conversa. Está bem?

ASTROV De acordo.

IELENA ANDRÉIEVNA Trata-se de Sonia, minha enteada. Gosta dela?

ASTROV Sim. Tenho por ela respeito e estima.

IELENA ANDRÉIEVNA Mas gosta dela como mulher?

ASTROV *(após uma pequena pausa)* Não.

IELENA ANDRÉIEVNA Mais algumas palavras e terminou. Não notou nada?

ASTROV Não. Nada.

IELENA ANDRÉIEVNA *(Segura-lhe a mão)* Leio em seus olhos que não a ama... Sonia sofre... Compreenda isso e ... não venha mais aqui.

ASTROV *(Levanta-se)* Já passei da idade... Além do mais, não me sobra tempo... *(encolhe os ombros)* Quando me sobraria tempo? *(Está embaraçado)*

IELENA ANDRÉIEVNA Ah, que conversa mais desagradável! Estou tremendo como se tivesse acabado de carregar nas costas cem toneladas. Bem, graças a Deus, terminamos. Vamos esquecê-lo, é como se nunca tivéssemos falado e... vá embora. O senhor é um homem inteligente, vai compreender... *(Pausa.)* Fiquei ruborizada.

ASTROV Alguns meses atrás talvez eu pensasse no assunto, mas agora... *(Encolhe os ombros)* Se ela sofre, eu, naturalmente... Só não entendo uma coisa: que necessidade tinha a senhora desse interrogatório? *(olha-a nos olhos e ameaça com o dedo.)* Sua esperta!

IELENA ANDRÉIEVNA O que quer dizer com isso?

ASTROV *(rindo)* Esperta! Vamos supor que Sonia esteja de fato sofrendo, posso até acreditar nisso, mas que necessidade tinha desse interrogatório? *(Não a deixa falar, com vivacidade.)* Perdoe-me; não faça essa cara de surpresa, pois sabe muito bem o que me traz aqui todos os dias... Sabe muito bem por que razão e por quem tenho vindo. Não me olhe assim, minha querida ferazinha, eu sou uma velha raposa...

IELENA ANDRÉIEVNA *(perplexa)* Eu, ferazinha? Não compreendo.

ASTROV Uma ferazinha bonita e de pele sedosa... A senhora precisa de vítimas! Há um mês que não faço nada, deixei tudo de lado, fico apenas a cobiçá-la – e isso lhe agrada terrivelmente, terrivelmente mesmo!... Pois bem... a senhora venceu, e sabia disso, sem nenhum interrogatório. *(cruzados braços e inclina a cabeça.)* Rendo-me. Tome, pode me devorar.

IELENA ANDRÉIEVNA O senhor enlouqueceu!

ASTROV *(rindo entre os dedos)* Sua covarde...

IELENA ANDRÉIEVNA Oh, sou melhor e mais nobre do que o senhor imagina! Eu juro! *(Quer ir embora.)*

ASTROV *(impedido-lhe a passagem)* Vou embora hoje e não volto mais, porém... *(Segura-a pelo braço e olha ao redor.)* Onde nos veremos? Diga-me, rápido: onde? Pode entrar alguém, diga rápido. *(Com paixão.)* Que mulher maravilhosa,

que mulher magnífica... Um beijo... Deixe que eu beije estes cabelos perfumados...

IELENA ANDRÉIEVNA Eu juro...

ASTROV *(não a deixa falar)* Para que fazer juramentos? Não precisa jurar nada! Não precisamos de palavras supérfluas... Oh, como é bela! Que mãos! *(Beija-lhe as duas mãos.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Pare com isso, já!... Vá embora!... *(Retira as mãos.)* O senhor está descontrolado.

ASTROV Então me diga, me diga, onde é que nos veremos amanhã. *(Abraça-lhe a cintura.)* Compreenda, isso é inevitável, você e eu temos de nos encontrar. *(Beija-a; nesse momento entra Voinitskii com o ramo de rosas e se detém junto à porta.)*

IELENA ANDRÉIEVNA *(não vê Voinitskii)* Não Judie de mim... deixe-me. *(Inclina a cabeça sobre o peito de Astrov.)* Não! *(Quer ir embora.)*

ASTROV *(abraçando-lhe a cintura a retém)* Venha amanhã à casa da floresta... às duas horas... Sim? Sim? Você vem?

IELENA ANDRÉIEVNA *(percebe Voinitskii)* Solte-me *(Muito perturbada, vai até a janela.)* Isso é terrível!

VOINITSKII *(deposita as flores sobre cadeira e, nervoso, enxuga com o lenço o rosto e o pescoço atrás do colarinho)* Não faz mal... Sim... Não faz mal...

ASTROV *(amuado)* Estimado Ivan Petrovich, o tempo hoje está deveras bonito. De manhã o céu estava encoberto, parecia que vinha chuva, mas agora o sol brilha. Realmente, temos um belo outono... A sementeira de outono não está nada má. *(Enrola o mapa em forma de tubo.)* Só que os dias são mais curtos... *(Sai.)*

IELENA ANDRÉIEVNA (*caminha com passos rápidos até Voinitskii*) Faça de tudo, empregue toda a sua influência para que meu marido e eu partamos daqui ainda hoje. Ouviu? Ainda hoje!

VOINITSKII (*enxugando o rosto*) Hein? Ah, sim... Está bem... Vi tudo, Hélène, tudo...

IELENA ANDRÉIEVNA (*nervosa*) Ouviu? Tenho de partir daqui ainda hoje!

Entram Serebriakov, Sonia, Teleguin e Marina.

TELEGUIN Eu também não me encontro em perfeitas condições de saúde, excelência. Sinto-me indisposto há dois dias. A cabeça...

SEREBRIAKOV Onde estão os outros? não gosto dessa casa. Parece um labirinto. Vinte e seis quartos enormes, e nunca se encontra ninguém. (*Toca a campainha.*) Chamem Maria Vasilievna e Ielena Andréievna!

IELENA ANDRÉIEVNA Eu estou aqui.

SEREBRIAKOV Senhoras e senhores, queiram sentar-se.

SONIA (*aproxima-se de Ielena Andréievna impaciente*) O que ele disse?

IELENA ANDRÉIEVNA Mais tarde...

SONIA Está tremula? De emoção? (*Observa-a com olhar inquiridor*) Compreendo... Ele disse que não viria mais aqui... Sim? (*Pausa.*) Diga-me: sim? (*Ielena faz um sinal afirmativo com a cabeça*)

SEREBRIAKOV (*a Teleguin*) A doença, de um modo ou de outro, a gente pode ir levando, mas a vida no campo não consigo suportar. Tenho a impressão de ter caído em outro planeta. Sentem-se, senhoras e senhores. Sonia! (*Ela não o houve e permanece de pé, triste, com a cabeça inclinada.*) Sonia! (*Pausa.*) Ela não ouve. (*A Marina.*) Sente-se você também babá! (*A babá se senta e tricota meia.*) Por favor, senhoras e senhores. Prestem a atenção, se posso dizer assim: cravem seus ouvidos em mim. (*Ri.*)

VOINITSKII (*excitado*) Acho que minha presença é desnecessária. Posso me retirar?

SEREBRIAKOV Não sua presença justamente é a mais necessária.

VOINITSKII Deixe esse tom. Vamos ao assunto... O que você quer?

Entra Maria Vasilievna

SEREBRIAKOV A mamam também está aqui. Vou começar, senhoras e senhores. (*Pausa.*) "Convoquei os senhores para comunicar-lhes que um inspetor virá aqui..." * Mas vamos deixar as brincadeiras de lado. O assunto é sério. Senhoras e senhores, eu os reuni aqui para perdi-lhes ajuda e conselho e, conhecedor que sou de sua proverbial amabilidade, espero receber ambos. Sou um sábio, um homem de livros, a vida prática sempre me foi estranha. Não posso prescindir da orientação de homens competentes. E peço a você, Ivan Petrovitch, a senhor, Iliia Ilitch, e à senhora, *mamam*... O caso é que *Manet omnes una nox*, ou seja, estamos todos nas mãos de Deus; eu já sou velho e estou doente, por isso considero chegada a hora de por em ordem a situação material no que se refere a minha família. Minha vida já esta encerrada, não penso

* Citação da sátira de Dimitriev A opinião alheia (1794).

em mim, mas tenho uma esposa jovem e uma filha solteira. *(pausa.)* Eu não posso continuar vivendo no campo. Nós não fomos feitos para o campo. E não é possível subsistir na cidade com o dinheiro que recebemos da fazenda. Se vender, digamos, a floresta, isso seria uma medida extraordinária à qual não se pode recorrer todos os anos. Portanto temos de adotar medidas que garantam um rendimento permanente, uma soma mais ou menos definida. Encontrei a solução e tenho a honra de submetê-la aos senhores para discussão. Deixando de lado os detalhes, vou explicar apenas em linhas gerais. Nossa fazenda não rende em média mais de dois por cento. Proponho vendê-la. Se o dinheiro for investido em bônus do governo, podemos obter juros de até quatro a cinco por cento, e acho que disporíamos ainda de alguns milhares de rublos, o que nos permitiria comprar uma pequena residência de verão na Finlândia.

VOINITSKII Espere... Parece que não ouvi direito. Repita o que disse.

SEREBRIAKOV Falei em aplicar o dinheiro em bônus do governo e, com o que sobrou, comprar uma casa de verão na Finlândia.

VOINITSKII Não, não é a Finlândia... Você disse mais alguma coisa.

SEREBRIAKOV Proponho vender a fazenda.

VOINITSKII É isso aí! Você vende a fazenda, é uma idéia magnífica, concisa... E você quer que eu vá, com minha velha mãe e Sonia, para onde?

SEREBRIAKOV Isso tudo vai ser objeto de discussões na hora devida. Não se pode fazer ao mesmo tempo.

VOINITSKII Espere. É óbvio que eu não nunca tive um pingo de juízo. Estúpido que eu sou, pensava até agora que a fazenda pertencia a Sonia. Esta fazenda foi comprada por meu falecido pai como dote de minha irmã. Até agora, tenho sido tão ingênuo que não interpretei as leis a moda turca e achava que, com a morte da minha irmã, a fazenda passaria para Sonia.

SEREBRIAKOV Sim, a fazenda pertence a Sonia. Quem discute isso? Sem o consentimento de Sonia eu nem a venderia. Pois é justamente para o bem de Sonia que estou propondo isso.

VOINITSKII Incrível! Incrível! Ou fiquei doido ou... ou...

MARIA VASILIEVNA Jean, não se oponha a Aleksander. Acredite, ele sabe melhor do que nós o que é bom e o que é ruim.

VOINITSKII Não, não... Me dêem água! *(Bebe.)* Falem o que quiserem.

SEREBRIAKOV Não entendo por que está tão agitado. Não afirmo que o plano seja o ideal. Se todos o considerarem inadequado, não insistirei *(Pausa.)*

TELEGUIN *(timidamente)* Eu, excelência, nutro pela ciência não apenas devoção, mas também sentimentos familiares. Konstantin Trofimovitch Lakedemonov, irmão da esposa de meu irmão, Grigórii Ilitch – talvez o senhor o tenha conhecido – era magistrado...

VOINITSKII Pare, Bexiga, não vamos nos afastar do assunto... Espere, mais tarde... *(A Serebriakov.)* Pergunte a ele. Esta fazenda foi comprada do tio dele.

SEREBRIAKOV Ah, para que tenho de perguntar? Para quê?

VOINITSKII Compramos esta fazenda, em valores da época, por noventa e cinco mil rublos. Meu pai pagou só setenta, ficou devendo vinte e cinco mil. Agora escute aqui... Não poderíamos ter comprado esta fazenda se eu não tivesse desistido da minha herança a favor da minha irmã, que eu amava profundamente. Isso ainda não é nada: trabalhei por dez anos como um animal de carga para pagar toda dívida...

SEREBRIAKOV Lamento ter iniciado essa conversa.

VOINITSKII Hoje a fazenda não tem dívidas e é graças ao meu esforço pessoal que ela não foi a bancarrota. E, agora que envelheci, querem me por no olho da rua.

SEREBRIAKOV Não compreendo aonde você quer chegar.

VOINITSKII Administrei essa fazenda por vinte e cinco anos, trabalhava e lhe enviava o dinheiro regularmente, como mais zeloso dos administradores, e durante todo esse tempo – tanto em minha mocidade quanto agora – recebia de você um salário anual de quinhentos rublos, não mais que uma esmola. E não passou pela sua cabeça uma única vez sequer me dar um aumento, por menor que fosse.

SEREBRIAKOV Mas como eu podia saber, Ivan Petrovitch?! Eu não sou homem prático não entendo disso. Você mesmo podia ter concedido o aumento, quando quisesse.

VOINITSKII Por que eu não roubei, não é mesmo, por que vocês todos não me desprezam por não ter roubado? Teria sido justo e agora eu não seria um mendigo!

MARIA VASILIEVNA (com severidade) Jean!

TELEGUIN (agitado) Vania! Querido amigo, não deve... Não deve... Estou tremendo... Para que estragar uma boa relação? (Dá-lhe um beijo no rosto.) Não deve.

VOINITSKII Por vinte e cinco anos vivi com minha mãe entre estas quatro paredes, como uma toupeira. Nossos pensamentos e nossos sentimentos, eram para você. Durante o dia falávamos sobre seus trabalhos, tínhamos orgulho de você, seu nome era pronunciado com veneração; e gastávamos as noites lendo aquelas revistas e livros que hoje tão profundamente desprezo!

TELEGUIN Não deve, Vania, não deve... não agüento mais...

SEREBRIAKOV (com ira) Não entendo o que você quer!

VOINITSKII Você era para mim um ser superior, sabia de cor seus artigos... mas agora meus olhos se abriram! Vejo tudo! Você escreve sobre arte e não entende uma palavra de arte! Seus trabalhos, que eu tanto admirava, não valem um níquel! Você nos enganou!

SEREBRIAKOV Senhoras e senhores! Tentem acalmá-lo! Eu vou me retirar.

IELENA ANDRÉIEVNA Ivan Petrovitch, exijo que se cale! Ouvia?

VOINITSKII Mas não vou me calar! (Impede a passagem de Serebriakov.) Pare, ainda não acabei! Você estragou minha vida. Eu não vivi, não vivi! Por sua culpa perdi, desperdicei os melhores anos da minha vida! Você é o mais perverso de meus inimigos!

TELEGUIN Eu não agüento, não agüento... Vou embora... (Sai, sob forte emoção.)

SEREBRIAKOV O que você quer de mim? E com que direito fala comigo nesse tom? Seu zero a esquerda! Se a fazenda é sua, leve-a, não preciso dela!

IELENA ANDRÉIEVNA Vou partir deste inferno neste momento! (*Grita.*) Não agüento mais!

VOINITSKII Minha vida está acabada. Tenho inteligência, talento e coragem... Se tivesse vivido normalmente, seria um Schopenhauer, um Dostoievskii... Oh, já nem sei mais o que estou dizendo... Vou enlouquecer... Mãezinha, estou desesperado! Mãezinha!

MARIA VASILIEVNA (*com severidade*) Obedeça a Aleksander!

SONIA (*ajoelha-se diante da babá e se aperta contra ela*) Babá, babá querida!

VOINITSKII Mãezinha! O que devo fazer? Não, não diga nada! Eu mesmo já sei o que devo fazer! (*A Serebriakov.*) Você vai me pagar por isso! (*Sai pela porta do meio. Maria Vasilievna o segue.*)

SEREBRIAKOV Mas, senhoras e senhores, o que é isso, afinal?... Livrem-me desse louco! Não posso viver com ele debaixo do mesmo teto! Vive aqui (*Aponta para porta do meio.*), quase ao meu lado... Que se mude para a aldeia ou para um pavilhão, ou eu mudo para lá, mas não posso permanecer com ele na mesma casa...

IELENA ANDRÉIEVNA (*ao marido*) Partiremos daqui hoje mesmo! Você precisa tomar as providencias imediatamente!

SEREBRIAKOV Que sujeito desprezível!

SONIA (*de joelhos, dirige-se ao pai, nervosa, entre lágrimas*) Tenha misericórdia, papai! Eu e tio Vania somos tão infelizes! (*desesperada.*) Você tem de ser misericordioso! Lembre-se de quando era mais jovem, e tio Vania e vovó traduziam seus livros e copiavam seus escritos noites a fio... Todas as noites, todas

as noites! Eu e tio trabalhávamos sem parar, tínhamos medo de gastar conosco um único tostão, mandávamos todo dinheiro para você... Pagamos, e bem, por nosso pão! Ai, eu não devia ter dito isso, não devia mas compreenda-nos, papai! Tenha misericórdia!

IELENA ANDRÉIEVNA (*nervosa, ao marido*) Aleksander! Pelo amor de Deus! Esclareça as coisas com ele... suplico-lhe.

SEREBRIAKOV Esta bem esclarecerei... Eu não o culpo de nada, não estou zangado com ele, mas vocês devem reconhecer que seu comportamento é no mínimo estranho. Com licença, eu vou falar com ele. (*Sai pela porta do meio*)

IELENA ANDRÉIEVNA Seja gentil com ele! Acalme-o... (*Sai atrás dele*)

SONIA (*aperta-se contra a baba*) Babá, minha querida babá!

MARINA Não é nada, filhinha. Esses gansos cacarejam ate cansar – depois param... cacarejam até cansar – depois param...

SONIA Babá querida!

MARINA (*acaricia-lhe os cabelos*) Você treme como se estivesse com calafrios. Está tudo bem, tudo bem, minha orfãzinha, Deus é misericordioso... Vou fazer um pouco de chá de tília... Não fique tão aflita, minha orfãzinha. (*Olha para a porta do meio, zangada*) Ei, gansos, como cacarejam, não quero ver vocês na minha frente! (*Ouve-se um tiro atrás do palco e, em seguida, gritos de Ielena Andréievna. Sonia estremece.*) Que o diabo os carregue!

SEREBRIAKOV (*entra correndo, cambaleante devido ao susto*) Segurem! Segurem que ele enlouqueceu!

Ielena Andréievna e Voinitskii medem forças na porta de duas folhas.

IELENA ANDRÉIEVNA *(tentando tirar dele a pistola)* Dê-me isto! Dê-me isto, estou dizendo!

VOINITSKII Deixe-me, Hélène! Deixe-me! *(Livra-se dela, entra correndo, procura Serebriakov com os olhos.)* Onde está ele? Ah, está aqui! *(Atira contra ele.)* Bum! *(Pausa.)* Errei a pontaria? Errei de novo? *(Com ira.)* Ó diacho!... Ó diacho!... *(Atira a pistola ao chão e, esgotado, se deixa cair numa cadeira. Serebriakov está perplexo. Ielena Andréievna apóia-se contra a parede e se sente mal.)*

IELENA ANDRÉIEVNA Levem-me daqui! Levem-me, matem-me, mas aqui eu não posso ficar, não posso!

VOINITSKII *(desesperado)* Oh, o que eu fiz! O que eu fiz!

SONIA *(a meia voz)* Babá, ah, babá!

Cortina.

QUARTO ATO

Quarto de Ivan Petrovich; é seu dormitório e, ao mesmo tempo, também o escritório da fazenda. Junto à janela há uma grande mesa com livros contábeis e papelada de todo tipo, uma escrivaninha alta, armários, uma balança. Numa mesa menor para Astrov, estão espalhados instrumentos de desenho e tintas e, ao lado, uma pasta grande. Uma gaiola com um estorninho. Na parede, um mapa da África, manifestamente desnecessário aqui. Um enorme divã forrado com encerado. À esquerda, uma porta que leva aos aposentos internos, e à direita, outra porta, que dá para o hall de entrada; junto à porta da direita, uma esteira para que os camponeses não sujem o assoalho. Noite de outono. Silêncio

Teleguin e Marina (estão sentados um de frente para o outro e enovelam fio de lã para fazer meia)

TELEGUIN Mais depressa, Marina Timofeievna, pois logo seremos chamados para as despedidas. Já mandaram atrelar os cavalos.

MARINA *(esforçando-se para enovelar mais depressa)* Falta só mais um pouco.

TELEGUIN Eles vão para Kharkov. Vão morar lá.

MARINA É melhor mesmo.

TELEGUIN Levaram um susto. Ielena Andréievna só fica repetindo: “Não quero morar aqui nem mais uma hora... vamos embora, vamos embora... Por algum tempo viveremos em Kharkov, damos uma olhada - ela diz - depois mandaremos buscar as nossas coisas...” Vão viajar sem bagagens. Parece, Marina Timofeievna, que o destino deles não era viver aqui. Não

Banco de Textos



era isso que estava reservado para eles...Assim quis a Providência.

MARINA E foi melhor. Arrumaram um barulho outro dia... Um tiroteio!... Que vergonha!

TELEGUIN Pois é. Era uma cena digna do pincel de Aivasovskii.

MARINA Antes meus olhos não tivessem visto! (*Pausa.*) Agora vamos voltar a viver como antes. Pelas sete da manhã, tomaremos o chá, por volta da uma, o almoço, e à noite a gente janta; tudo na devida ordem... como bons cristãos. (*Suspira.*) Eu – pobre de mim! – há tanto tempo não tomo sopa de macarrão!

TELEGUIN Sim. Há um bom tempo que não se faz sopa de macarrão. (*Pausa*) Há um bom tempo mesmo... Hoje de manhã, Marina Timofeievna, quando passava pela aldeia o dono da mercearia gritou para mim: “Ó parasita!” Doe-me tanto!

MARINA Não dê atenção a ele, meu caro! Todos somos parasitas de Deus. Pois você, Sonia e Ivan Petronovich também – todos trabalhamos, ninguém fica sentado à-toa. Todos trabalhamos... Onde está Sonia?

TELEGUIN No jardim. Estão revirando o jardim, ela e o doutor, à procura de Ivan Petronovitch. Têm medo de que ele atente contra a própria vida.

MARINA Onde está a pistola?

TELEGUIN (*em voz sussurrada*) Escondi no porão!

MARINA (*com ironia*) Que pecado!

Do pátio, entram Voinitskii e Astrov

VOINITSKII Deixem-me! (*Para Marina e Teleguin.*) Saiam daqui, quero ficar sozinho ao menos uma hora! Não preciso de nenhum tutor.

TELEGUIN Neste instante, Vania. (*Sai na ponta dos pés.*)

MARINA Como um ganso, quó-quó-quó! (*Junta os fios e sai.*)

VONITSKII Me deixe!

ASTROV Com todo o prazer, pois já devia ter partido há muito tempo, mas repito, não saio daqui enquanto não me devolver o que tirou de mim.

VONITSKII Não tirei nada.

ASTROV Sério! Não faça eu me atrasar mais ainda, já devia ter partido há muito tempo.

VOINITSKII Não tirei nada! (*Sentam-se os dois.*)

ASTROV Sim? Então vou esperar mais um pouco, mas depois, desculpe, terei de recorrer ao uso da força. Vamos amarrá-lo e revistá-lo. Estou falando sério.

VOINITSKII Como quiser. (*Pausa.*) Que loucura! Atirar duas vezes sem acertar! Não vou me perdoar isso nunca!

ASTROV Se estava com vontade de sair atirando por ai, devia ter atirado contra a própria cabeça.

VOINITSKII (*encolhe os ombros*) É estranho. Faltou pouco para eu matar alguém e, mesmo assim, não vou ser preso, nem levado a julgamento. Portanto me consideram louco. (*Riso sarcástico.*) Sou eu, o louco, e não aquele que debaixo da capa

de professor, de mago da ciência, oculta sua falta de talento, sua imbecilidade, sua enorme desumanidade. Não é loucura a mulher que casa com um velho e depois o engana à vista de todo o mundo. Eu vi, eu vi como você a abraçou!

ASTROV Sim, eu a abracei! E isso para você! (*Com o polegar encostado no nariz, espalma os outros dedos num gesto de troça.*)

VOINITSKII (*olhando para a porta*) Essa terra é que é doída, pois ainda nos agüenta!

ASTROV Besteira!

VOINITSKII Está bem: sou um louco, um irresponsável, tenho direito de dizer qualquer besteira.

ASTROV Isso é velho! Você não é louco, apenas esquisito. Um bujão. Antes eu também tomava por doente, meio maluco, todo sujeito esquisito, mas agora minha opinião é que o estado normal do homem é a esquisitice. Você é completamente normal.

VOINITSKII (*coabrindo o rosto com as mãos*) Sinto vergonha! Se soubesse como estou envergonhado! Este sentimento de vergonha não é comparável a nenhum tipo de dor. (*Com tristeza.*) É insuportável! (*Inclina-se sobre a mesa.*) O que devo fazer, diga-me, o que devo fazer?

ASTROV Nada.

VOINITSKII Dê-me alguma coisa! Oh, meu Deus... Estou com quarenta e sete anos; se, digamos, chegar até os sessenta, ainda me restam treze. É muito! De que modo vou viver esses treze anos? O que vou fazer, com que vou me ocupar? Oh, sabe... (*Aperta a mão de Astrov convulsivamente*), sabe, se pudesse viver o que me resta ainda da vida de um modo novo!

Despertaria numa manhã clara e tranqüila e sentiria que estou começando a viver de novo, que o passado caiu no esquecimento, dissolveu-se como a fumaça. (*Chora.*) Começar vida nova... Diga-me, como começar... com que começar...

ASTROV (*aborrecido*) Que vida nova, que nada! Nossa situação – a sua e a minha – é sem esperança!

VOINITSKII Você acha?

ASTROV Estou convencido disso!

VOINITSKII Me dê alguma coisa...(*Leva a mão ao coração.*) Sinto-me queimar aqui.

ASTROV (*grita irado*) Basta! (*Mais moderado.*) Os que vêm depois de nós, daqui a cem, duzentos anos, e que nos desprezarão por termos vivido de modo tão tolo e com tanta falta de bom gosto – eles talvez encontrem a maneira de ser feliz, mas nós... A nós resta uma única esperança. A esperança de quando já estivermos descansando em nossos túmulos, receber a visita dos espíritos, de espíritos agradáveis, quem sabe. (*Suspira.*) Pois é irmão. Havia só dois homens inteligentes e bons em toda a comarca: você e eu. Porém em pouco mais de uma década fomos tragados pelo pântano da vida pequeno-burguesa que nós desprezamos; com seus valores putrefatos ela envenenou nosso sangue e nos tornamos tão patifes quanto os outros. (*Vivamente.*) Mas não tente mudar de assunto, ouviu? Devolva o que me tirou.

VOINITSKII Eu não tirei nada.

ASTROV Tirou da minha maleta uma ampola de morfina. (*Pausa.*) Ouça aqui! Se quer se suicidar a todo custo, vá para a floresta e estoure os miolos. Mas me devolva a morfina, senão vão pensar que fui eu quem deu, e a notícia se espalha... Já me

Banco de Textos



basta ter de fazer a autópsia... Acha que é divertido? (*Entra Sonia.*)

VOINITSKII Deixe-me em paz!

ASTROV (*a Sonia*) Sofia Aleksandrovna! Seu tio roubou de minha maleta uma ampola de morfina e agora se recusa a devolvê-la. Diga-lhe que isso é... enfim, que é besteira. Além do mais, não tenho tempo a perder. Tenho de partir.

SONIA Tio Vania, você tirou a morfina?(*Pausa.*)

ASTROV Ele tirou. Tenho certeza disso.

SONIA Devolva então! Por que quer nos assustar?(*Com ternura.*) devolva, tio Vania! Sou tão infeliz quanto você e, mesmo assim, não fico desesperada. Suporto e suportarei até que minha vida termine sozinha... Pois suporte você também. (*Pausa.*) Devolva! (*Beija-lhe as mãos.*) Meu querido, meu amado tio, devolva! (*Chora.*) Você é tão bom, vai ter piedade de nós e devolver. Tem de suportar, tio! Tem de suportar!

VOINITSKII (*tira uma ampola de dentro da escrivaninha e entrega-a a Astrov*) Tome! (*A Sonia.*) Mas então precisamos trabalhar o quanto antes, fazer alguma coisa, senão não vou agüentar... não vou agüentar...

SONIA Sim, sim, é preciso trabalhar. Assim que nos despedirmos do meu pai e de Ielena, mãos à obra e trabalhar... (*Arruma a papelada sobre a mesa nervosamente.*) Descuidamos de tudo, e como!

ASTROV (*põe a ampola na maleta e ajusta as correias*) Bem, agora já posso ir.

IELENA ANDRÉIEVNA (*entra*) O senhor está aqui, Ivan Petrovitch? Nós já estamos de partida... Vá ver Aleksander, ele quer lhe dizer alguma coisa.

SONIA Venha, tio Vania! (*Toma Voinitskii pelo braço.*) Venha comigo. Vocês têm de fazer as pazes. De qualquer maneira! (*Sonia e Voinitskii saem.*)

IELENA ANDRÉIEVNA Estou indo embora. (*Estende a mão a Astrov.*) Adeus.

ASTROV Já?

IELENA ANDRÉIEVNA O coche está aqui.

ASTROV Adeus.

IELENA ANDRÉIEVNA O senhor me prometeu que iria embora daqui.

ASTROV Não esqueci. Já estou de saída. (*Pausa.*) Ficaram assustados? (*Toma a mão dela.*) Então é tão terrível isso?

IELENA ANDRÉIEVNA Sim.

ASTROV Podiam ter demorado aqui mais um pouco! Amanhã, na casa da floresta...

IELENA ANDRÉIEVNA Não... Já está decidido... É por isso que o encaro sem temor: nossa partida já está decidida... Peça-lhe apenas que não me queira mal. Gostaria que me respeitasse.

ASTROV É! (*Com um gesto de impaciência.*) Fique, eu lhe peço! Reconheça: a senhora não tem nada a fazer nesse mundo, não tem objetivo algum na vida, nada lhe prende a atenção e, cedo ou tarde, de todo jeito vai acabar cedendo a

seus sentimentos – isso é inevitável. E, sendo assim, seria melhor se fosse aqui, no seio da mãe natureza, que em Kharkov ou num canto qualquer de Kurst!... Pelo menos é poético! E o outono é belo... Temos a casa da floresta e os solares em ruínas, ao gosto de Turgueniev...

IELENA ANDRÉIEVNA O senhor é tão divertido!... Fiquei zangada, mas mesmo assim guardei boas recordações do senhor. É uma pessoa original e interessante. Nunca mais nos veremos, por que então guardar segredo? Eu também me apaixonei um pouco pelo senhor. Bem, vamos então apertar as mãos e nos separar como bons amigos! Não me queira mal.

ASTROV (*aperta-lhe a mão*) Está bem, parta então...(*Pensativo.*) Parece uma pessoa boa e entusiasmada, mas há algo estranho em seu ser. Desde que chegou aqui com seu marido, todos que até então trabalhavam, labutavam, criavam alguma coisa, tiveram de abandonar seus afazeres, e todos, o verão inteiro, não fizeram outra coisa senão se ocupar da senhora e da gota do seu marido. Os dois contagiaram com sua ociosidade a todos nós. Eu fiquei louco pela senhora, o mês inteiro não fiz nada, enquanto muita gente adoecia em meu bosque, entre as mudas tenras, o gado dos camponeses pastava... Portanto, onde quer que pisem – a senhora e o seu marido – semeiam a destruição. Se a senhora ficasse aqui eu também sucumbiria, mas... a senhora tampouco sairia ilesa. Pois bem, parta! *Finita la commedia!*

IELENA ANDRÉIEVNA (*apanha um lápis da mesa de Astrov e guarda rapidamente*) Levarei este lápis como recordação.

ASTROV Que estranho!... Nós nos conhecemos e, de repente, por uma razão qualquer... não nos veremos mais. Tudo é assim neste mundo... Enquanto estamos a sós e antes que tio Vania entre com seu ramo de flores, permita-me que lhe dê um beijo... de despedida... Está bem?(*Dá-lhe um beijo no rosto.*) Pronto... Magnífico.

IELENA ANDRÉIEVNA Desejo-lhe tudo de bom. (*Olha ao redor.*) Que me importa! Uma vez na vida! (*Abraça-o impetuosamente; depois, rápido, os dois se afastam.*) Tenho de partir.

ASTROV Vá, o quanto antes. Se o coche já estiver a postos, vá logo.

IELENA ANDRÉIEVNA Acho que estão vindo. (*Ambos aguçam os ouvidos.*)

ASTROV *Finita!*

Entram Serebriakov, Voinitskii, Maria Vasilievna com um livro, Teleguin e Sonia.

SEREBRIAKOV (*a Voinitskii*) Vamos esquecer o passado. Depois do que aconteceu, nessas poucas horas passei por tanta coisa e refleti tanto que, acho, poderia escrever um tratado, ensinando à posterioridade como se deve viver. Aceito de bom grado seu pedido de desculpas e eu também peço que me perdoe. Adeus! (*Ele e Voinitskii se beijam três vezes.*)

VOINITSKII Vai receber tudo pontualmente, como de costume. Tudo será como antes.

Ielena Andréievna abraça Sonia.

SEREBRIAKOV (*beija a mão de Maria Vasilievna*) Maman...

MARIA VASILIEVNA (*beija-o*) Tire novas fotos e mande para nós. O senhor bem sabe como me é caro.

TELEGUIN Adeus, excelência, não vá se esquecer de nós!

SEREBRIAKOV (*beija a filha*) Adeus... adeus a todos! (*Estende a mão para Astrov.*) Obrigado pela companhia agradável...Respeito e aprecio seu modo de pensar, suas

paixões, seus impulsos, mas... Permitam a este velho inserir nas palavras de despedida uma observação: é preciso trabalhar, senhoras e senhores! É preciso trabalhar! (*Curva-se numa despedida geral.*) Tudo de bom! (*Sai, seguido de Maria Vasilievna e Sonia.*)

VOINITSKII (*beija com ardor a mão de Ielena Andréievna*) Adeus... Perdoe-me... Nunca mais nos veremos.

IELENA ANDRÉIEVNA (*comovida*) Adeus, querido amigo. (*Beija-o na cabeça e sai.*)

ASTROV (*a Teleguin*) Bexiga, peça para atrelar os meus cavalos também.

TELEGUIN Agora mesmo, amigão! (*Sai. Permanecem apenas Astrov e Voinitskii.*)

ASTROV (*recolhe da mesa as tintas e guarda-as na mala*) Por que não os acompanha até a porta?

VOINITSKII Que partam... mas eu... eu não posso. É tão difícil! Preciso me ocupar com alguma coisa, o quanto antes... Trabalhar, trabalhar! (*Remexe a papelada sobre a mesa. Pausa. Ouve-se o tilintar de sininhos.*)

ASTROV Foram-se. O professor decerto está contente! Agora nada mais o fará voltar aqui.

MARINA (*entra*) Foram-se. (*Senta-se na poltrona e se põe a tricotar meia.*)

SONIA (*entra*) Foram-se. (*secando os olhos.*) Que Deus os acompanhe! (*Ao tio.*) Então, tio Vania, mãos à obra!

VOINITSKII Trabalhar, trabalhar!...

SONIA Há muito, muito tempo que não nos sentamos assim juntos nesta mesa. (*Acende a lamparina sobre a mesa.*) Parece que não tem tinta... (*Pega o tinteiro, vai até o armário e enche de tinta.*) Estou tão triste por eles terem ido embora!

MARIA VASILIEVNA (*entrando lentamente*) Foram-se. (*Senta-se e mergulha na leitura.*)

SONIA (*senta-se na mesa e folheia um livro de registros*) Antes de mais nada, vamos tirar as notas de venda, tio Vania. Tudo está terrivelmente desleixado. Ainda hoje, vieram aqui para pagar uma nota; você escreve uma nota e eu outra...

VOINITSKII (*escreve*) Nota... para o senhor... (*Ambos escrevem em silêncio.*)

MARINA (*boceja*) Me pegou o sono...

ASTROV Faz silêncio. Estala a pena, cantam os grilos. É quente e acolhedor aqui... Não tenho vontade de partir. (*Ouve-se o tilintar das campanhas.*) Atrelaram os cavalos... Portanto, não me resta outro remédio senão me despedir de vocês, meus amigos, de minha mesa e pegar a estrada! (*Põe os mapas na pasta.*)

MARINA Para que tanta pressa? Fique mais um pouco.

ASTROV Não posso.

VOINITSKII (*escreve*) “Restam ainda da dívida anterior duzentos e setenta e cinco...” (*Entra o criado.*)

CRIADO Mikhail Lvovitch, os cavalos estão atrelados.

ASTROV Ouvi. (*Entrega-lhe a maleta de remédios, a mala e a pasta.*) Tome, vá carregando. Cuidado para não amassar a pasta!

CRIADO Sim, senhor. (*Sai.*)

ASTROV Bem, então... (*Prepara-se para as despedidas.*)

SONIA Quando veremos o senhor de novo?

ASTROV Não antes do verão, decerto. Durante o inverno é pouco provável... Naturalmente, se acontecer alguma coisa, avisem que eu venho. (*Apertam-se as mãos.*) Agradeço pela hospitalidade e pelo carinho... em suma, agradeço por tudo. (*Vai até a babá e beija-lhe a cabeça.*) Adeus, minha velha.

MARINA Você vai mesmo sem tomar chá?

ASTROV Não me apetece, minha babá.

MARINA E um pouco e vodka, você toma?

ASTROV (*indeciso*) Talvez...(*Marina sai. Depois de uma pausa.*) Prece que um dos cavalos coxeia um pouco. Observei ontem quando Petrushka o levava ao bebedouro.

VOINITSKII É preciso ferrar novamente.

ASTROV Em Rojdestvennoie vou ter e parar no ferreiro. Não há outro jeito. (*Aproxima-se do mapa da África e o contempla.*) Na África deve estar fazendo agora um calor danado.

VONITSKII Sim. É provável.

MARINA (*retorna com uma badeja, trazendo um copo de vodka e um pedaço de pão*) Aqui estão os comes e bebes.(*Astrov toma a vodka.*) À sua saúde, querido.(*Faz uma grande reverência.*) Coma um pedaço de pão também.

ASTROV Não, basta isso... Bem, então sejam felizes. (*A Marina.*) Não me acompanhe, babá. Não é preciso. (*Sai. Sonia,*

com uma vela na mão, o acompanha até a porta; Marina volta a sentar-se na poltrona.)

VOINITSKII (*escreve*) “Dia 2 de fevereiro, 20 libras de óleo... Dia 16 de fevereiro mais 20 libras de óleo... cevada...” (*Pausa. Ouvem-se as campanhas dos cavalos.*)

MARINA Foi-se. (*Pausa.*)

SONIA (*retorna e deposita a vela sobre a mesa*) Foi-se.

VOINITSKII (*calcula a soma no ábaco e anota*) “Total: quinze... vinte e cinco...” (*Sonia senta-se e escreve.*)

MARINA (*boceja*) Ai de nós, pobres pecadores...

Teleguin entra na ponta dos pés, senta-se junto à porta e afina o violão baixinho.

VOINITSKII (*a Sonia, afagando-lhe os cabelos com uma das mãos*) Que peso sinto no peito, criança querida! Oh, se soubesse que peso!

SONIA O que se pode fazer? Viver é preciso! (*Pausa.*) E nós viveremos, tio Vania, viveremos a longa, longa seqüência de dias e noites. Suportaremos com paciência os golpes do destino; trabalharemos sem descanso pelos outros, agora e na velhice, e quando chegar a nossa hora morreremos em paz, e lá, além do túmulo, diremos que sofremos, choramos, tivemos muitas tristezas, e Deus então se apiedará de nós, e ambos – você e eu, querido titio – conheceremos uma vida maravilhosa, cheia de luz, a alegria nos invadirá, e olharemos com um sorriso emocionado nossa infelicidade de agora – e descansaremos. Tenho fé nisso, titio, creio ardentemente, apaixonadamente... (*Ajoelha-se diante dele e apóia a cabeça em seu braço; com a voz cansada.*) Descansaremos. (*Teleguin toca o violão suavemente.*) Descansaremos! Ouviremos os anjos e

Banco de Textos

contemplaremos o céu cravejado de diamantes e veremos que toda a maldade terrestre, todos os sofrimentos, mergulharão na misericórdia que encherá o universo, e nisso eu creio... (*Com o lenço enxuga as lágrimas do tio.*) Pobre, pobre tio Vania, você está chorando...(*Entre lágrimas.*) Você não conheceu a alegria em sua vida, mas espere, tio Vania, espere... Descansaremos...(*Abraça-o.*) Descansaremos! (*O guarda-noturno matraqueia. Teleguin toca suavemente. Maria Vasílievna faz uma anotação na margem do folheto; Marina tricota a meia.*) Descansaremos!

A cortina desce lentamente.



Equipe de digitação

Ana Alice Fonseca
Caroline Brandão
Cássia Carneiro
Clarissa Nápoli
Fabiana Milhas
Francis Strappa
Janaína Amorim
Joana Coelho
Kika Azevedo
Kiko Ferreira
Marcela Augusto
Márcia Gil-Braz
Rafael Cabral
Roberto Passos Filho
Roberto Salles
Sandra Batista
Thiago Mariano

Revisão

Ana Alice Fonseca
Daniela Onnis
Fabiana Milhas
Laili Flórez
Roberto Salles

Supervisão

Roberto Salles